

# *Terapia Assistida por Animais*

*Aplicação no Desenvolvimento  
Psicomotor da Criança com Deficiência Intelectual*



*Patrícia Sidorenko de Oliveira Capote  
Maria da Piedade Resende da Costa*

# Terapia assistida por animais (TAA): aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual

Patrícia Sidorenko de Oliveira Capote  
Maria da Piedade Resende da Costa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CAPOTE, P. S. O., and COSTA, M. P. R. *Terapia assistida por animais (TAA): aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual* [online]. São Carlos: EdUFSCar, 2011. ISBN 978-85-7600-294-9. <https://doi.org/10.7476/9788576002949>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# Terapia assistida por animais (TAA)



REITOR Targino de Araújo Filho  
VICE-REITOR Pedro Manoel Galetti  
Junior  
DIRETOR DA Oswaldo Mário Serra  
EDUFSCAR Truzzi

EdUFSCar - Editora da Universidade Federal de São Carlos

CONSELHO José Eduardo dos Santos  
EDITORIAL

José Renato Coury  
Nivaldo Nale  
Paulo Reali Nunes  
Oswaldo Mário Serra Truzzi  
(Presidente)

SECRETÁRIA Fernanda do  
EXECUTIVA Nascimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
Editora da Universidade Federal de São Carlos  
Via Washington Luís, km 235  
13565-905 - São Carlos, SP, Brasil  
Telefax (16) 3351-8137  
<http://www.editora.ufscar.br>  
[edufscar@ufscar.br](mailto:edufscar@ufscar.br)  
Twitter: @EdUFSCar

Patrícia Sidorenko de Oliveira Capote  
Maria da Piedade Resende da Costa

## **Terapia Assistida por Animais (TAA)**

aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com  
deficiência intelectual



São Carlos, 2011

© 2011, Patrícia Sidorenko de Oliveira Capote e Maria da Piedade Resende da Costa

### ***Capa***

Izis Cavalcanti

### ***Projeto gráfico***

Vítor Massola Gonzales Lopes

### ***Preparação e revisão de texto***

Aline Cristina Dias Galvão Neves

Ângela Cristina de Oliveira

Marcelo Dias Saes Peres

Daniela Silva Guanais Costa

### ***Editoração eletrônica***

Patricia dos Santos da Silva

Vítor Massola Gonzales Lopes

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária da UFSCar

|       |
|-------|
| C246t |
|-------|

Capote, Patrícia Sidorenko de Oliveira.

Terapia Assistida por Animais (TAA) : aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual [livro eletrônico] / Patrícia Sidorenko de Oliveira Capote, Maria da Piedade Resende da Costa. -- São Carlos : EdUFSCar, 2011.

1555 Kb ; ePUB

ISBN – 978-85-7600-294-9

1. Educação especial. 2. Terapia assistida por animais. 3. Deficiência intelectual. 4. Desenvolvimento psicomotor. I. Título.

CDD – 371.9 (20ª)

CDU – 371.9

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de banco de dados sem permissão escrita do titular do direito autoral.

*A DEUS,*

Por sempre me guiar nos mais diversos caminhos: de flores, pedras preciosas e pedregulhos, lama ou asfalto. E sempre estar ao meu lado.

À minha família,

Mãe, *Suely*, pai, *Antonio*, e irmãs, *Fabíola* e *Ticiane*. Por estarem nos mais diversos caminhos, sejam eles de flores ou de pedras, passando suas experiências de amor, sabedoria e

ética. E por me resgatarem, com ternura, dos caminhos tortuosos em que me envolvi.

Aos meus queridos filhos de estimação,  
*Luke, Julie, Laila, Fiona, Kira, Clark, Eva, Abel Brigitte, Francis e Barruã*. Fazem minha vida ainda mais feliz. E a *Frederico, Lisa, Scarlet, Betas*, que fizeram parte da minha vida e a mudaram eternamente.

Aos meus *queridos pacientes*,  
Que sempre foram pacientes comigo. Mostraram a beleza da vida de diversos ângulos.

## **Agradecimentos**

À *EdUFSCar*, pela concretização deste sonho.

À *Ticiane Sidorenko de Oliveira Capote*, por estar sempre presente e contribuir com sua sabedoria.

A *Luke e Fiona*, pela preciosa participação neste trabalho e na minha vida. Por eles e com eles, tudo aconteceu.

A todos os *professores da Pós-Graduação em Educação Especial*, pela experiência e ensinamentos transmitidos.

Às professoras convidadas, *Sueli Galego e Georgina C. O. F. Maniakas*, para participar da banca examinadora e apresentação deste livro, pelas sábias e válidas sugestões.

A meu primo *Gabriel Sidorenko*, pela contribuição e carinho. Sua paciência e conhecimento na área da informática foram importantíssimos.

Aos *funcionários da Pós-Graduação*, pelo carinho, atenção e dedicação que me foram dados.

*Aos funcionários, professores e responsáveis pela APAE-Araraquara*, pois sem eles a intervenção deste trabalho não seria possível.

*Aos pais das crianças participantes* deste trabalho, que com atenção e paciência autorizaram a participação dos mesmos, contribuindo para a realização deste trabalho.

*Aos participantes deste trabalho*, vocês são especiais.

*A todos os meus familiares (tios, tias, primos, primas, avós, cunhado, amigos)*, presentes e *in memoriam*, porque todos são especiais do jeito que são.

*A todos* que colaboraram, de forma direta ou indireta, com a concretização deste trabalho.

E, finalmente, um especial agradecimento à Profa. Dra. *Maria da Piedade Resende da Costa*, pela orientação dedicada a este trabalho. Pela paciência, incentivo e sabedoria. Meus sinceros agradecimentos, e que Deus abençoe sua vida e seus familiares.

# Table of Contents / Sumário / Tabla de Contenido

[Front Matter / Elementos Pré-textuais / Páginas Iniciais](#)

[Apresentação I](#)

[Apresentação II](#)

[Capítulo 1 - Introdução](#)

[Capítulo 2 - A deficiência intelectual e a família](#)

[Capítulo 3 - Terapia assistida por animais](#)

[Capítulo 4 - Estudos internacionais sobre TAA](#)

[Capítulo 5 - Estudos nacionais sobre TAA](#)

[Capítulo 6 - A TAA no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual](#)

[Referências](#)

# Apresentação I

*Terapia Assistida por Animais (TAA): Aplicação no Desenvolvimento Psicomotor da Criança com Deficiência Intelectual* é uma relevante obra, elaborada por Patrícia Sidorenko de Oliveira Capote (orientanda) e Dra. Maria da Piedade Resende Costa (orientadora), que incorpora o conteúdo de uma brilhante dissertação vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos; e como membro das Bancas de Qualificação e Defesa fui agraciada com o especial privilégio de ser convidada pela professora Maria Piedade para prefaciar o livro resultante de tal dissertação. Frente a tal convite, passei a perguntar-me se estaria à altura dessa considerável confiança, e eis-me aqui.

A entrega ao público desta relevante obra vem, seguramente, preencher uma significativa lacuna na divulgação de pesquisas teóricas e práticas científicas sobre os benefícios terapêuticos que os animais podem propiciar às pessoas.

Temos aqui o fruto da persistência das autoras (orientadora e orientanda), motivadas exclusivamente pelo desejo de aprofundarem seus conhecimentos em uma área um tanto carente em produções científicas, em termos de Brasil, e, principalmente, pelo fato de poderem contribuir com diferenciadas metodologias direcionadas às crianças com deficiência intelectual por meio de "técnicas acolhedoras e amorosas" aplicadas por intermédio de animais de estimação.

A presente publicação expõe um detalhado e consistente panorama teórico e científico da TAA. São analisados proeminentes estudos que são expostos e discutidos por meio de qualificadas publicações científicas internacionais e nacionais. O foco principal são os aspectos relativos aos efeitos da intervenção com animais no desenvolvimento psicomotor de crianças com deficiência mental.

É cativante acompanhar a evolução motora das crianças que participaram do estudo em foco ao se verificar o cuidado, a dedicação e o conhecimento de Patrícia na realização de suas avaliações e intervenções com as crianças ao longo de suas sessões terapêuticas. Nestas participaram os "simpáticos" cães Luke e Fiona nas diferentes atividades motoras programadas, por exemplo, passear com os cachorros, pentear e colocar presilhas nos cães, etc. Vale a pena conferir os resultados de tais atividades.

Os resultados do estudo apresentam um primoroso tratamento estatístico: as tabelas e os gráficos estão muito bem descritos, possibilitando um fácil entendimento e acompanhamento dos dados coletados em cada uma das etapas da pesquisa, não só por profissionais da área, mas também pelos leitores em geral que se interessam pela TAA.

Ao congratular-me com as autoras, Patrícia e Dra. Maria Piedade, congratulo-me também com os profissionais envolvidos com a TAA que, na leitura desta obra, poderão dispor de conhecimentos preciosos, focados na possibilidade de se oferecer um atendimento terapêutico mais humanizado, criativo e efetivo às nossas crianças com deficiência intelectual.

*Sueli Galego de Carvalho*

Professora do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do  
Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Coordenadora de Pesquisa da Universidade Presbiteriana  
Mackenzie

# Apresentação II

Quando fui convidada pela Profa. Dra. Maria da Piedade Resende da Costa para participar do exame de qualificação e, posteriormente, da defesa da dissertação *Terapia Assistida por Animais (TAA) e Deficiência Mental: análise do desenvolvimento psicomotor*, me deparei com a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento de um trabalho que se distingue pela sua originalidade. Em um país onde pouco se produz cientificamente sobre a TAA, o trabalho de Patrícia Sidorenko de Oliveira Capote representa um importante passo para legitimar os benefícios da interação homem-animal na área da Educação Especial.

Hoje, ao ser convidada a testemunhar a respeito dos resultados obtidos por meio da intervenção com animais (TAA), o desenvolvimento psicomotor, motivacional e emocional de crianças com DI, sinto-me agraciada.

Desde a minha mais tenra idade, Darwin causou-me impressão das mais duradouras, confirmada na idade adulta por meio da leitura de suas obras. Quem pode se manter indiferente à conexão entre o comportamento de um gatinho, de um cãozinho e de um bebê humano, demonstrada pelo autor de *A Expressão das Emoções nos Homens e nos Animais*?

Apesar das crenças que atribuíam ao homem uma pretensa superioridade em relação aos demais animais, sabemos que a aventura evolutiva humana só se tornou possível graças aos milhares de anos de interação entre o homem e as outras espécies que povoam o planeta. De uma relação inicial de utilização de animais para benefício humano, os animais – fiéis companheiros – conquistaram um espaço único entre os seres de nossa espécie. As mais antigas civilizações oferecem relatos de amor e amizade surgidos no convívio entre humanos e animais. Em uma breve retrospectiva, lembramos a contribuição: 1) do cavalo – introduzido

pelos nômades da Eurásia durante a Idade do Bronze e do Ferro – para a evolução de várias sociedades humanas, utilizado como meio de transporte antes da invenção da máquina a vapor; 2) dos felinos – introduzidos provavelmente no período neolítico para controlar a população de ratos que atacava as plantações de cereais do Oriente Médio, Chipre e Antigo Egito; 3) dos cães – originalmente guardadores de rebanhos –, cuja fidelidade comoveu o homem ao ponto de proporcionar-lhe um lugar de honra entre os membros de sua própria família; em sítios arqueológicos descobertos em Israel, esqueletos de cães foram encontrados enterrados ao lado de humanos, confirmando uma história de amor e amizade que dura há 12.500 anos!

Em nossa história recente não faltam narrativas que testemunham que alguns laços de amor entre homens e animais transcendem a própria existência individual. É o caso do surpreendente relato da devoção de um cãozinho ao seu amigo, o grande músico Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791). Morto em condições precárias, Mozart é enterrado em uma vala comum no cemitério de Viena. Naquele dia chuvoso, frio e escuro, somente seu cãozinho acompanhou o enterro e lá permaneceu deitado sobre o túmulo de terra batida, sendo encontrado tempos depois, congelado. Hoje, esse mesmo cemitério abriga um mausoléu, dedicado a Mozart e ao seu melhor e mais fiel amigo.

No campo da TAA – embora não com essa designação – William Tuke, em 1792, foi um dos primeiros a empregar animais como coadjuvantes terapêuticos para o tratamento de transtornos mentais. Ainda nesse campo, o Brasil nos oferece um exemplo ímpar: o belíssimo e original trabalho da Dra. Nise da Silveira. Décadas antes de se pensar em reforma à assistência psiquiátrica, Nise já apostava na possibilidade de o sofrimento psíquico ser passível de expressão simbólica. Para isso, criou ateliês de pintura e modelagem, onde animais – em sua maioria gatos e cachorros – circulavam livremente entre os pacientes. A ideia de manter os animais por perto – além de uma predileção pessoal da própria Nise por felinos – parece ter se originado no dia em que, ao encontrar uma cadela abandonada

no hospital, a Dra. Nise entregou-a aos cuidados de um doente, que passou a desenvolver uma atitude de cuidador em relação ao sofrido animalzinho. Essa atitude teria levado o doente a reatar os vínculos com a realidade e a experimentar uma completa remissão de seu quadro psicopatológico, a ponto de ele se tornar monitor no hospital. A Dra. Nise percebeu que os animais possuíam qualidades que os tornavam um ponto de referência estável na vida do paciente, e em seu projeto atribuiu-lhes a função de coterapeutas.

Hoje, a terapia assistida por animais (TAA) é uma prática que emprega o animal como parte integrante e principal do tratamento, objetivando promover o bem-estar e a melhora psíquica, social, cognitiva e até física de pacientes humanos. Ela parte do princípio de que o amor e a amizade entre animais e seres humanos promovem a saúde e trazem benefícios para a qualidade de vida do assistido. Desse modo, a TAA pode ser empregada em áreas relacionadas ao desenvolvimento psicomotor e sensorial, abrangendo os mais diversos campos do conhecimento, em programas destinados ao tratamento de distúrbios físicos, transtornos mentais e emocionais, direcionada a pessoas de diferentes faixas etárias. A TAA deve ser acompanhada por profissionais qualificados da área da saúde, devidamente treinados, e os animais devem ser acompanhados por médico veterinário, de modo a minimizar o potencial zoonótico e garantir o bem-estar e a qualidade de vida dos animais terapeutas.

Respeitadas essas condições, o trabalho desenvolvido por Patrícia Sidorenko de Oliveira Capote junto às crianças com necessidades especiais e realizado por dois cães de pequeno porte – "os terapeutas Luke e Fiona" – demonstrou que a TAA traz benefícios para o desenvolvimento psicomotor de pessoas com deficiência mental. E, também, que soluções criativas para questões complexas – como é o caso da inclusão social da criança com necessidades especiais – podem ser encontradas por meio de sensibilidade, empatia, acolhimento e respeito a cada um dos seres vivos que participam conosco desse "grande contexto" chamado Terra.

*Profa. Dra. Georgina C. O. Faneco Maniakas*  
Departamento de Psicologia  
Universidade Federal de São Carlos

# Capítulo 1 - Introdução

A Lei nº 7.853 de 24 de outubro de 1989 trouxe, entre outras garantias legais, a obrigatoriedade de se incluir nos censos nacionais questões específicas sobre as pessoas com necessidades especiais, uma vez que o estudo dessa população-alvo passou a constituir condições indispensáveis para sustentar a definição de medidas específicas mais adequadas à realidade nacional. Assim, essa população foi objeto de investigação pela primeira vez no censo demográfico em 1991. Os resultados do censo demográfico de 2000 indicaram que aproximadamente 24,5 milhões de pessoas, ou seja, 14,5% da população total, apresentaram algum tipo de incapacidade ou deficiência. Neste ano, a deficiência intelectual representou 8,3% (aproximadamente 2,85 milhões de pessoas) do total de pessoas que declararam possuir alguma deficiência, sendo que, conforme os dados, a maioria se concentra na Região Sudeste, com incidência maior em homens.

As pessoas com Deficiência Intelectual (DI) podem apresentar dificuldades para se inserir na sociedade, pois muitas vezes são vistas como incapazes. Esse fato é observado desde a dificuldade para elaborar os conceitos para descrever as diversas deficiências, incluindo a DI e a visão que as pessoas têm a respeito desse tema no decorrer da história. Como argumenta Glat (1995), o rótulo de Deficiente Intelectual apresenta uma dupla função: a de determinar como esta pessoa vai se comportar na sociedade e os padrões de conduta dos outros ao interagirem com esta pessoa, ou seja, a deficiência pode ser construída pelo contexto social em que vive.

Na Antiguidade, as crianças com deficiência eram abandonadas ao relento (Aranha, 1995; Casarin, 1999; Pessoti, 1984; Schwartzman, 1999). Com a influência do Cristianismo, as pessoas com alguma deficiência começaram a ser vistas como possuidoras de uma alma e, portanto, eram filhas de Deus. Não eram abandonadas, sendo acolhidas por instituições de caridade. Mas a ambivalência

predominava, pois enquanto eram acolhidas também eram torturadas (Pessoti, 1984).

No final do século XV, com a revolução burguesa, a deficiência passou a ter uma conotação mais direta com o sistema econômico: indivíduos não produtivos economicamente. Com o avanço da medicina, houve uma prevalência da visão organicista sobre a DI, sendo esta vista como um problema médico e não espiritual. No século XIX, observou-se uma atitude de responsabilidade pública frente às necessidades do deficiente. No século XX, houve uma multiplicação das visões a respeito do deficiente, com a prevalência de vários modelos explicativos: o metafísico, o médico, o educacional, o da determinação social e, mais recentemente, o socioconstrutivista ou sócio-histórico (Aranha, 1995).

Atualmente, o conceito mais usado preocupa-se com as peculiaridades e habilidades individuais, baseando-se nas áreas do comportamento adaptativo. Essa definição, segundo Almeida (2004), tinha embasamento em uma abordagem multidimensional com o objetivo de ampliar o conceito de DI e evitar a confiança excessiva nos testes de inteligência para determinar o nível de deficiência e relacionar as necessidades da pessoa com os níveis de apoio. Assim, a DI é caracterizada por um funcionamento significativamente abaixo da média, existindo concomitantemente com relativa limitação associada a duas ou mais áreas de conduta adaptativa, como comunicação, autocuidado, vida no lar, habilidades sociais, desempenho na comunidade, independência de locomoção, saúde e segurança, habilidades acadêmicas funcionais, lazer e trabalho, manifestandose antes dos 18 anos (Almeida, 2004).

Dessa forma, extinguem-se os graus leve, moderado, grave e severo e é descrita em níveis de suporte – apoio intermitente (episódico), apoio limitado no tempo, mas não intermitente, apoio amplo (regular em alguns ambientes e sem tempo limitado) e apoio permanente (constância e alta intensidade).

Dentro deste contexto, verifica-se que há a necessidade de apoio para essas pessoas e seus familiares, pois mesmo diante do prisma

de inclusão há carências nas diversas áreas, desde a educacional, afetiva, familiar, cultural, social, motora, entre outras. Por isso, os profissionais precisam ser especializados e preparados para as diversas situações que possam aparecer. A busca de novos métodos, procedimentos e técnicas é urgente, pois professores, profissionais e familiares necessitam de respostas, suporte e acolhimento, principalmente neste momento da inclusão: o que fazer nas salas de recursos para diminuir a distância entre as pessoas, melhora do desenvolvimento motor, educacional e emocional?

Assim, muitos métodos, procedimentos e técnicas foram objetos de estudos para ajudar na inclusão dessas pessoas. Observa-se uma quantidade escassa de estudos sobre a Terapia Assistida por Animais (TAA). Entretanto, devido aos trabalhos terapêuticos relacionados à TAA, esta terapia está sendo vista como algo inovador e que pode contribuir positivamente para as pessoas com necessidades especiais, pois pode facilitar a socialização, cognição, fala, parte física, autocuidados, autoestima, entre outros (Dotti, 2005).

Algumas pesquisas buscaram um rigor, porém há a necessidade de aprofundamento científico, pois há falta de dados de metodologia e procedimentos que foram executados. Dessa forma, percebe-se que a TAA e a Deficiência Intelectual ainda têm várias lacunas para serem compreendidas. Portanto, o presente livro pretende resgatar estudos que envolvem a DI e a família e estudos realizados sobre TAA. E, para finalizar, uma contribuição na aplicação do TAA para o desenvolvimento motor de crianças com DI.

## Capítulo 2 - A deficiência intelectual e a família

No presente capítulo, encontram-se relacionados os artigos pesquisados sobre deficiência mental. Primeiramente, foi feito um levantamento das publicações científicas relacionadas à Deficiência Mental. As bases de dados foram: Scielo, Medline, Pubmed, Google acadêmico, livros e revistas, tanto na forma impressa quanto eletrônica. Foi executada uma busca da literatura nacional e internacional utilizando as palavras-chave, em português e inglês: deficiência mental<sup>1</sup> (mental deficiency), deficiência mental e desenvolvimento motor, deficiência mental e família.

Para levantamento e análise dos dados, foi utilizado o método de leitura científica que, segundo Cervo & Bervian (2002), obedece aos seguintes critérios:

- Visão sincrética – leitura de reconhecimento, com o objetivo de localizar as fontes e verificar se a obra consultada interessava à pesquisa e, posteriormente, fazer a leitura seletiva para localizar as informações de acordo com os propósitos do estudo. Nesta fase, um dos critérios de seleção foi verificar se as referências continham resumo, introdução, método, discussão e conclusão.
- Visão analítica – compreende a leitura crítica dos textos selecionados, acompanhada de reflexão na busca dos significados e na escolha das ideias principais, de forma que possibilite a obtenção de respostas ao problema de pesquisa.
- Visão sintética – constitui a leitura interpretativa.

A seguir, os artigos encontrados sobre o tema.

Carr (1988) efetuou um estudo longitudinal com uma amostra de 41 crianças com síndrome de Down e 30 não deficientes, as quais foram acompanhadas em sete ocasiões, desde a sexta semana de vida até os quatro anos de idade e, novamente, aos 11 anos e aos 21 anos. Os resultados mostraram que as mães consideram que, aos 21 anos, os filhos são mais fáceis de manejar, sendo o domínio das habilidades apropriadas para a realização das atividades diárias visto como significativo, tanto para a família como para o filho com necessidade especial. Nenhuma desvantagem advinda do fato de se ter uma criança com síndrome de Down na família foi constatada, principalmente em relação aos efeitos sobre os irmãos.

Ao contrário, Turnbull & Ruef (1996) verificaram que familiares com criança com deficiência intelectual afirmaram haver problemas específicos de relacionamento entre irmãos e, também, em relação à família extensa, principalmente nos casos de crianças com deficiência intelectual que apresentavam problemas de comportamento. Os genitores dessas crianças relataram que permaneciam 24 horas por dia "a serviço" da criança, em supervisão, intervenção e tentativas para prevenir os seus problemas de comportamento.

No estudo de Leary & Verth (1995), 45% das mães de crianças com deficiência intelectual relataram que seus outros filhos aceitavam inteiramente a criança com deficiência, enquanto 27% percebiam problemas de comportamento que foram atribuídos à presença da criança deficiente.

Os estudos realizados com o pai de crianças com DI são escassos (Herbert & Carpenter, 1994; Hornby, 1995; Rodrigue et al., 1992). A maioria deles procura enfatizar a percepção do pai a respeito da criança. Há outros estudos cuja ênfase é dada ao engajamento do pai na vida familiar. O estudo de Rodrigue et al. (1992) descreve a adaptação psicossocial de pais de crianças com autismo, síndrome de Down e com desenvolvimento normal, evidenciando maiores desequilíbrios no planejamento familiar nas famílias de crianças com autismo e síndrome de Down e, também, um crescente desajuste

financeiro por causa dessas crianças. Esses pais revelaram, ainda, níveis de competência parental, satisfação marital e apoio social compatíveis àqueles relatados pelos pais de crianças com desenvolvimento normal.

Sloper et al. (1991) constataram que, para os pais de crianças com alguma deficiência, a qualidade do relacionamento marital está primordialmente relacionada à satisfação com a vida e com a família como um todo. Os pais de sua amostra sentiam-se mais satisfeitos com a paternidade, porém apresentavam baixos níveis de satisfação financeira, sugerindo que os efeitos da criança sobre eles eram menores que os efeitos ambientais externos. Esses autores concluíram que fatores como a criança, o ambiente social e os aspectos parentais interagem, produzindo a satisfação e o estresse familiar. Contudo, para as mães, os fatores como baixa resistência e alta excitabilidade da criança estão fortemente relacionados à baixa satisfação com a vida.

Com relação aos problemas de comportamento apresentados por crianças com DI, são, em geral, diversificados e dependem do tipo de deficiência e do grau de comprometimento da criança.

No estudo de Cuskelly & Dadds (1992), crianças com síndrome de Down apresentaram mais problemas de comportamento que seus irmãos, destacando-se os problemas de atenção e imaturidade. Verificaram também que há divergências entre as percepções da mãe, do pai e da professora quanto aos problemas de comportamento observados em meninas e meninos com DI. Segundo as mães, meninos e meninas apresentam os mesmos tipos e intensidades de problemas. Para os pais, as meninas apresentam mais problemas, enquanto a professora sente mais dificuldades em lidar com os meninos. Mas, para os autores, é preciso conhecer como se desenvolvem as interações e as relações entre as crianças com DI e seus familiares (pais e irmãos).

Turnbull & Ruef (1996) verificaram que crianças com deficiência mental apresentam problemas comportamentais como agressão, comportamentos de destruição e de autoagressão.

Pereira-Silva (2000) descreveu as interações criança-mãe, criança-pai e criança-mãe-pai, em situação de atividade livre, de seis famílias que possuíam uma criança com síndrome de Down, com idades variando entre dois e três anos e cinco meses. Para a coleta de dados, foram utilizados três instrumentos: questionário, entrevistas semiestruturadas e observação direta do comportamento. O pai foi o maior responsável pelo início das interações e foi ele, também, quem mais negociou com a criança durante as mudanças de uma atividade para outra. Os genitores emitiram, com mais frequência, o comportamento de Solicitar/Sugerir e as crianças responderam, predominantemente, com o comportamento de Rejeitar, seguido pelo de Obedecer. Foram pouco frequentes os comportamentos de Ordenar e Solicitar/Sugerir emitidos pelas crianças, indicando que estas respondiam mais às demandas de seus genitores do que exigiam deles. Os genitores descreveram as suas crianças como sendo birrentas, calmas ou agitadas, irritadas e como tendo facilidade de adaptação ao meio. As expectativas dos genitores em relação ao futuro de seus filhos são de que eles se tornem adultos independentes, estudem, tenham uma profissão e que possam até ter um relacionamento íntimo com uma pessoa do sexo oposto. Os resultados demonstram que a mãe é a maior responsável pelos cuidados e pela transmissão de regras às crianças. O pai desempenha um papel secundário, envolvendo-se menos com a rotina da casa. O autor conclui que a elaboração de programas preventivos, com ênfase nas interações familiares e no papel do pai e a implementação de pesquisas incluindo todos os membros familiares, contribuiria para uma melhor compreensão do desenvolvimento das crianças com síndrome de Down e do funcionamento de suas famílias.

Em relação ao desenvolvimento cognitivo e de linguagem, Corsi et al. (1995) compararam o desenvolvimento cognitivo e a linguagem de crianças com síndrome de Down (SD) e crianças sem necessidade especial. Participaram do estudo 10 crianças com idade variando entre 7 e 8 anos. Foram utilizados dois tipos de materiais figurativos (ônibus de madeira e pinos de encaixe) e não

figurativos (sucatas). Verificaram que as crianças com SD, quando utilizaram o material figurativo, representaram situações rotineiras. Com o material não figurativo a simbolização ficou reduzida a comportamentos imitativos. Os autores concluíram que o desenvolvimento cognitivo das crianças com SD é superior ao desenvolvimento da linguagem, enquanto nas crianças sem necessidades especiais o desenvolvimento cognitivo e de linguagem evolui no mesmo ritmo.

Bissoto (2005) demonstra a importância de um ambiente estimulador para a promoção da autonomia em crianças com DI, destacando a relevância da família e de cuidados executados por uma equipe multidisciplinar. Enfatiza que apesar de esses indivíduos apresentarem um déficit cognitivo, eles poderão ser superados se houver estimulação adequada desde os primeiros anos de vida, contribuindo para o seu desenvolvimento, o que corroborou com os pressupostos de Melero (1999) quanto à importância do lugar no qual a criança se encontra inserida.

Dentro desse contexto, vê-se a importância de propiciar maior orientação para as famílias de crianças com DI: informação sobre a deficiência, consequências para o desenvolvimento, recursos necessários para ajudar no desenvolvimento (Silva & Dessen, 2001) e recursos para os profissionais especializados. Para isso, são necessários investimentos nessa área e aumento ao número de pesquisas sobre essa população e seus familiares. Essas condutas proporcionariam maior compreensão do desenvolvimento da pessoa com DI (Silva & Dessen, 2001).

1 Aqui foi utilizado o termo deficiência mental. Entretanto, para o presente livro, a opção é para a terminologia Deficiência Intelectual (DI).

# Capítulo 3 - Terapia assistida por animais

A TAA é reconhecida cientificamente em vários países, como Estados Unidos, Canadá e França. A terminologia correta e oficial é *Animal Assisted Therapy*, de acordo com a Delta Society (órgão que regulamenta os programas com animais nos Estados Unidos). Esta nomenclatura está sendo utilizada devido às confusões que os termos usados anteriormente desencadearam, como pet terapia, zooterapia, entre outros. A Delta Society dividiu o trabalho com animais em dois programas: a) Atividade Assistida por Animais (AAA), que propõe entretenimento, recreação, distração, motivação, informação e melhora da qualidade de vida, porém não tem a preocupação de uma análise dos pacientes, histórico, perfil e avaliação dos resultados; e b) Terapia Assistida por Animais (TAA), que é realizada por profissionais da área da saúde e é documentada e avaliada de forma a desenvolver e melhorar os funcionamentos físico, social, emocional e cognitivo das pessoas envolvidas no processo. Esta apresenta objetivos claros e dirigidos, com critérios estabelecidos, sendo o animal parte integral do processo de tratamento.

Em várias civilizações, os animais foram representados como seres supremos e poderosos, evidenciando a importância dos mesmos para o homem. Um túmulo em Israel, de 12 mil anos, foi encontrado com o corpo de uma mulher e um cão, demonstrando assim que o cão passou a ocupar diferentes significados e funções para o ser humano (Davis & Valla, 1978). Estudos indicam que os animais começaram a ser inseridos nos procedimentos de cura desde o século IX a.C. Asklepios, Deus grego da saúde, estendia seu poder para cães sagrados, que lambiam pessoas cegas para que pudessem voltar a enxergar.

Na Idade Média, as pessoas carregavam cães para prevenção da loucura. No século IX, na Bélgica, pacientes com diferentes deficiências eram transferidos para fazendas que inseriam os animais nos tratamentos. Em 1944, nos Estados Unidos, a Cruz Vermelha promoveu o primeiro programa com animais, onde os pacientes eram encorajados a interagirem com os diferentes tipos de animais (Dotti, 2005). No Brasil, o primeiro registro de trabalho envolvendo animais foi com a Dra. Nise da Silveira, realizado na década de 1950 no hospital psiquiátrico Engenho de Dentro. A obra de Dra. Nise não era reconhecida como um todo e o trabalho com os animais era uma de suas maiores dificuldades naquele local, encerrando este trabalho na década de 1960 (Dotti, 2005).

Autores demonstram que após a década de 1990, os estudos começam a apresentar rigor metodológico e científico, o que contribui para a compreensão do tema. Contudo, verifica-se que muitos deles tentam investigar os benefícios dos animais para o ser humano sem a participação e o direcionamento dos profissionais envolvidos. Conforme Siegel (1993), ainda há poucas pesquisas empíricas, o que demonstra que os estudos estão divididos em: a) ocorrências naturais com donos de animais; e b) estudos em que os animais são introduzidos como uma forma de intervenção. Relata ainda que devido às várias formas de intervenção e como são conduzidas, as vantagens e desvantagens desta terapia não ficam claras.

Atualmente, há no Brasil um grande número de reportagens escritas e faladas mostrando os benefícios dos animais para o homem e, muitas vezes, elas se baseiam em pesquisas internacionais e em programas de atendimentos executados aqui no país. Esses programas são realizados em sua maioria em instituições para idosos e crianças e em hospitais, escolas e universidades. Mas, diferentemente do que acontece em outros países, há a necessidade de mais pesquisas nesta área. Verifica-se que os profissionais relatam várias contribuições e benefícios baseados em dados observacionais.

Assim, muitas pesquisas trazem um importante dado: frequentemente estão sendo feitas intervenções com animais para se alcançar benefícios para o ser humano, mas raramente estão sendo feitas com um rigor metodológico e sendo publicadas. Fato que também ocorreu em outros países, como afirmam Beck & Katcher (1984). Eles relatam que as pesquisas, até então, eram embasadas em observações e estudos. Não havia experimentos delineados. Elas não demonstravam o efeito terapêutico advindo da utilização dos animais com pessoas. A partir dessa constatação, começa a realização de pesquisas com valor científico em vários países, com grupo controle, número de sujeitos significativos, controle de variáveis, entre outras.

Algumas pesquisas buscaram um rigor, porém há a necessidade de aprofundamento científico, pois há falta de dados de metodologia e procedimentos que foram executados.

## Capítulo 4 - Estudos internacionais sobre TAA

O presente capítulo trata sobre os artigos internacionais pesquisados sobre TAA no período de 1973 a 2007, agrupados por temas.

O procedimento adotado foi o seguinte: inicialmente foi feito um levantamento das publicações científicas relacionadas à TAA e vínculo homem-animal, no período de 1973 a 2007. As bases de dados foram consultadas entre janeiro de 2007 e janeiro de 2009, sendo elas: Scielo, Medline, Pubmed, Google acadêmico, livros e revistas, tanto na forma impressa quanto eletrônica. Foi executada uma busca da literatura nacional e internacional utilizando as palavras-chave, em português e inglês: *animal assisted therapy* (terapia assistida por animais), vínculo homem-animal de estimação (*bonding human-pet*), *pet therapy* (pet terapia), terapia facilitada por animais (FTP).

Para levantamento e análise dos dados, foi utilizado o método de leitura científica que, segundo Cervo & Bervian (2002), obedece aos seguintes critérios:

- Visão sincrética – leitura de reconhecimento, com o objetivo de localizar as fontes e verificar se a obra consultada interessava à pesquisa e, posteriormente, fazer a leitura seletiva para localizar as informações de acordo com os propósitos do estudo. Nesta fase, um dos critérios de seleção foi verificar se as referências continham resumo, introdução, método, discussão e conclusão.
- Visão analítica – compreende a leitura crítica dos textos selecionados, acompanhado de reflexão na busca dos

significados e na escolha das ideias principais, de forma que possibilite a obtenção de respostas ao problema de pesquisa.

- Visão sintética – constitui a leitura interpretativa.

Foi feita também uma análise baseada nos achados de Siegel (1993) para verificar se houve ou não mudanças na forma de se fazer pesquisa na área de TAA, desde essa época, com proprietários e intervenção.

Constatou-se que, após a análise dos artigos internacionais (AI), foram encontrados 42 relacionados à área com diferentes abordagens. Em seguida, os estudos foram agrupados por temas, a saber:

- ensaios teóricos sobre o vínculo homem-animal
- vínculo idosos-animais
- vínculo paciente cardíaco-animal
- percepção e atitude de jovens em relação aos animais
- benefícios do vínculo homem-animal
- vínculo pessoas com necessidades especiais-animais
- autoconceito vínculo homem-animal
- internação hospitalar vínculo homem-animal
- estresse vínculo homem-animal
- suporte emocional e animais
- reações fisiológicas na interação homem-animal
- influência do animal nas demências

- paciente com câncer e TAA
- paciente terminal e TAA
- dor e TAA
- sistema prisional e animais
- desenvolvimento infantil e animais
- momentos de crise e vínculos com animais
- vínculo criança com necessidade especial e animal

A seguir, serão realizadas considerações sobre os estudos pertinentes a cada tema.

## **Tema: ensaios teóricos sobre o vínculo homem-animal**

O artigo de Ainsworth (1973) descreve que o vínculo homem-animal é similar ao vínculo mãe-bebê, pois há um vínculo emocional que ultrapassa o espaço e o tempo e que tem o poder de afetar o desenvolvimento humano.

Levinson (1982) e Kellert & Westervelt (1983) argumentaram que a relação positiva entre humanos e animais contribui para o desenvolvimento humano. Ressaltaram que há poucas evidências empíricas para clarear seus efeitos no autoconceito adulto.

Beck & Katcher (1984) afirmam que as pesquisas até então eram embasadas em observações e estudos. Não havia experimentos delineados. Elas não demonstravam o efeito terapêutico dos animais. A partir dessa constatação, tem início com valor científico em vários países, com grupo controle, número de sujeitos significativos, controle de variáveis, entre outras.

Kidd & Kidd (1989) investigaram se ocorriam atitudes de afeição em adultos diante da presença ou não de animais na infância. Donos de animais são mais afeitos ao animal que aqueles que não possuem; adultos que tiveram animais quando criança ou adolescente são mais afeitos do que os que nunca tiveram animais ou quando tiveram depois de adultos; as mulheres são mais afeitas do que os homens, e os solteiros, mais afeitos que os casados.

Siegel (1993), em seu artigo, aborda vários aspectos relacionados ao vínculo homem-animal. Afirma que até então há poucas pesquisas empíricas. De acordo com a literatura pesquisada, esta mostra que os estudos são divididos em: 1) ocorrências naturais com proprietários de animais; e 2) estudos em que os animais são introduzidos como uma forma de intervenção. Relata que as pesquisas do primeiro grupo são em menor número, mas tendem a ser mais consistentes metodologicamente e são realizadas com pessoas mais velhas (nos EUA, há 26 milhões de americanos acima de 65 anos de idade que não estão hospitalizados ou em asilos. São pessoas que vivem sozinhas e possuem animais). As do segundo grupo são executadas com indivíduos que se encontram em instituições como asilos, hospitais psiquiátricos e prisões. Na época, o termo utilizado para descrever a intervenção com animais era *pet facilitated therapy* (PFT). Relata que devido às várias formas de intervenção e como são conduzidas, as vantagens e desvantagens dessa terapia não ficam claras. Mostra que a maioria da literatura sobre PFT relata conclusões baseadas em impressões clínicas. A maioria dos achados está presente em conferências, mas não fazem parte de uma revisão com observação atenta e intensa. Os estudos não incluem grupo controle e não mostram detalhes sobre como foram executados. Informam apenas os resultados, ou seja, não utilizam os critérios exigidos para uma pesquisa científica. Os sucessos "dramáticos" da PFT são frequentemente citados, mas não são dadas considerações sobre o número de participantes em quem a terapia pode não ter sido efetiva. Siegel ressalta também que a maioria dos trabalhos executados não inclui na amostragem pessoas que não tenham afeição por animais (Siegel, 1993).

## Tema: vínculo idosos-animais

Considerado um dos primeiros trabalhos sobre o vínculo homem-animal, o texto de Mugford & M'Comisk (1974) utilizou pela primeira vez o termo *social lubricant* em estudo no qual animais de estimação eram frequentemente usados como ponto focal em conversas de pessoas idosas com seus familiares e amigos. Deram a pessoas idosas que moravam sozinhas um pássaro ou uma planta, e verificaram que ter um pássaro estava associado a receber mais visitas.

Ory & Goldberg (1983) verificaram que idosas que moram sozinhas e possuem animais relatam se sentirem muito afeiçoadas a seus animais e se consideram felizes, ao contrário de idosas que não se sentiam afeiçoadas aos animais, e se diziam infelizes.

Kaiser et al. (2002) compararam os comportamentos pró-sociais de idosos de um asilo quanto à visita de uma pessoa feliz e de um cão. As sessões tiveram duração de cinco minutos durante três semanas, sendo observados comportamentos não verbais (balanceio das mãos, sorriso, dar tapinhas, movimentos de aproximação, virar a cabeça para ver a visita, olhar, beijar e movimentos de comando para aproximação) e verbais. O comportamento pró-social foi examinado para determinar se eles eram consistentes com a preferência de escolha. Foram selecionados 20 idosos: 10 preencheram o termo de consentimento livre e esclarecido e 10 não quiseram participar, dos quais 5 não puderam participar devido a problemas de saúde, por estarem dormindo no momento da visita ou outros. Eles não podiam ter algum tipo de demência e precisavam ficar sentados por pelo menos 10 minutos. As sessões aconteceram uma vez por semana e tiveram duração de 5 minutos durante 3 semanas, foram gravadas, uma das pesquisadoras conduziu os cães e quatro observaram as sessões. Foram observados comportamentos não verbais e verbais. Verificaram que o balanceio das mãos foi executado apenas uma vez, fato que não foi incluído na análise final. Todos os participantes tinham tendência a dar mais tapinhas nos cães (86 *versus* 1) do que

na pessoa feliz. Eles se movimentaram para se aproximar das visitas humanas semelhantemente aos cães (24 *versus* 28). Os idosos realizaram 159 comportamentos pró-sociais dentro das categorias estabelecidas para os cães em relação a 72 para as pessoas. Foi feita uma análise sem a categoria dar tapinhas e os resultados foram semelhantes (103 *versus* 109). Quanto às preferências, 3 não tiveram preferência (gostaram de ambas as visitas), 1 preferiu o cão e 1, a pessoa feliz. Todos os participantes deram mais tapinhas nos cães do que nas pessoas, mas o idoso que mais fez esse movimento não escolheu o cão como preferido. Ele não teve preferência. O comportamento de sorrir também foi executado com mais frequência pelos idosos em relação aos cães, mas não foi possível contabilizar os números, pois não apareceu nas gravações. Dessa forma, os autores concluem que os comportamentos pró-sociais foram semelhantes para ambas as visitas, o que permite a alusão de que a visita do cão é benéfica ao idoso, de modo semelhante à da pessoa. Com uma exceção, os idosos quiseram "dar tapinhas" com mais frequência nos cães do que nas pessoas, apenas um idoso fez esse movimento na visita humana. Esta discrepância pode ter ocorrido, pois é mais aceitável socialmente fazer esse comportamento com cães do que com pessoas e para satisfazer a necessidade de toque, pois traz conforto, necessidade que pode ser mais fácil de se obter com os cães. O cão provê a necessidade de tocar e ser tocado. Não puderam constatar qual o melhor do ponto de vista dos idosos, mas concluíram que a visita do cão é benéfica, semelhantemente à da pessoa.

## **Tema: vínculo paciente cardíaco-animal**

Como se pode notar, os estudos nesta área estão iniciando, sendo que outro estudo considerado pioneiro na área foi realizado por Friedman, Katcher, Lynch & Thomas (1980). Os autores investigaram a relação entre o tempo de vida de pessoas que foram submetidas à cirurgia cardíaca e o fato de terem animais ou não. A pesquisa indicou que as pessoas que possuíam animais viveram por

mais tempo em relação às que não possuíam, sugerindo uma correlação de maior sobrevivência e vínculo com animais. Esse estudo foi realizado com pessoas hospitalizadas depois de terem ataque cardíaco. Percebeu-se que 94% dos pacientes que eram donos de animais de estimação viveram por mais de um ano, comparados com 72% de pacientes que não tinham animais. Ser dono de algum animal está correlacionado com uma maior sobrevivência depois de algum problema de saúde (Friedmann, Katcher, Lynch & Thomas, 1980).

## **Tema: percepção e atitude de jovens em relação aos animais**

Estudo feito por Lockwood (1983) com adolescentes, no qual tinham de expressar julgamentos sobre cenas que continham pessoas que estavam com ou sem animais e dizer quais delas eram mais felizes, amigáveis, mais relaxadas, menos vulneráveis e menos perigosas. As cenas mais escolhidas foram as que tinham o animal.

Bjerke, Odegardstuen & Kaltenborn (1998) analisaram 562 pessoas de 9 a 15 anos de idade sobre suas atitudes diante de animais de acordo com a tipologia – moralista, ecologista, naturalista, negativista, autoritária. Os resultados demonstraram que a maioria é humanista (interesse e afeição por animais, principalmente por animais de estimação). Meninas mais velhas são moralistas (argumentam sobre o que é certo e errado no tratamento aos animais, com forte oposição à exploração e crueldade) e negativistas (evitam animais com indiferença, medo e aversão), e os meninos mais velhos são naturalistas (interesse e afeição pela vida selvagem e ao ar livre) e autoritários (interesse na dominação e no controle dos animais, principalmente em situações esportivas).

## **Tema: benefícios do vínculo homem-animal**

Messent (1984) observou diretamente pessoas com ou sem cães passeando em parques e constatou que a presença de cães estava

associada a um significativo aumento no número de saudações e cumprimentos com verbalizações.

Okoniewski & Zivan (1985) verificaram que o vínculo homem-animal melhora a depressão e diminui sentimentos de solidão, criando um ambiente de aceitação e amor.

Akiyama, Holtzman & Britz (1986) relataram que idosas não proprietárias de animais tinham mais frequentemente dores de cabeça, constipação, dificuldade de engolir, medos persistentes e pânico, e usavam mais medicação psicotrópica em relação às donas de animais.

Baun, Oetting & Gergstrom (1991) argumentam que atividades como fazer o paciente acariciar, pentear e jogar bola para o cachorro são ótimos exercícios de coordenação de movimentos, ajudam a controlar o estresse, diminuem a pressão arterial e reduzem os riscos de problemas cardíacos

## **Tema: vínculo pessoas com necessidades especiais-animais**

Eddy, Hart & Boltz (1987) fizeram uma investigação para verificar se pessoas em cadeiras de rodas com cães recebem mais frequentemente reconhecimento social de estranhos que pessoas em cadeiras de rodas sem cães. As sessões foram observadas e os comportamentos dos pedestres em área pública (*shopping*, supermercados, lojas e *campus* universitário) registrados como sorriso, indícios de conversa, toque, olhar de aversão, não olhar e sem resposta. Os resultados indicaram que houve maior incidência de sorrisos e conversas quando os cães estavam presentes. As conversas eram centradas a respeito do cão. Casos de não olhar e olhar de aversão ocorreu com mais participantes do grupo sem cães do que com o grupo com cães. Em entrevista após a observação, os participantes do grupo sem cães relataram que se sentiram invisíveis em público. Os autores concluíram que o serviço de cães pode facilitar a interação social de pessoas em cadeiras de rodas,

ajudar a diminuir a rejeição social e diminuir a solidão dessas pessoas que, muitas vezes, são vulneráveis e isoladas.

Um dos primeiros trabalhos que investigaram a relação TAA e pessoas com necessidades especiais foi o de Allen & Blascovich (1996). Verificaram a validade do serviço de cães para pessoas com quadro de deficiência severa e crônica na área motora e cognitiva como atrofia muscular, esclerose múltipla, traumatismo craniano, afasia, quadriplegia, problemas com atenção e memória e que necessitavam de cadeira de rodas. Os autores decidiram investigar esse fato devido à grande necessidade em desenvolver a independência dessas pessoas, pois necessitam de familiares, amigos ou cuidadores para receberem assistência e, muitas vezes, não há compreensão de suas necessidades. Os pesquisadores relataram também que essas pessoas têm níveis baixos de autoestima e níveis altos de depressão devido a atitudes negativas, estereótipos e estigmatização da sociedade. Os cães podem suprir necessidades sociais e pessoais, como abrir e fechar porta, de se vestir, procurar e pegar objetos, puxar a cadeira de rodas, ajudar a fazer compras, salvar pessoas em caso de incêndio ou emergência, entre outras. Neste estudo, participaram da pesquisa indivíduos que tinham interesse no serviço de cães e necessitavam da assistência de outras pessoas em vários aspectos. Assim, os participantes foram unidos de acordo com idade, gênero, estado civil, raça, natureza e severidade das deficiências. Formaram-se 24 pares (= 48 pessoas) separados em grupo controle (lista de espera) e grupo experimental. O grupo experimental recebeu treinamento pelo serviço de cães depois de um mês do início do estudo, e o grupo controle, após 13 meses. As variáveis dependentes foram bem-estar psicológico, controle interno, integração com a comunidade, frequência na escola e emprego por meio período, autoestima, horas de assistência pagas e não pagas. A coleta de dados ocorreu a cada 6 meses por um período de 2 anos. Os participantes responderam questionários a respeito de dados demográficos, dados psicológicos e informações sobre a assistência em cada coleta. Foram utilizados instrumentos como escalas para medir controle interno, autoestima, etc. Houve mudanças significativas em

todos do grupo experimental, comparados com os do grupo controle, antes da inserção dos cães para este grupo e aconteceram mudanças significativas em todos os participantes dos dois grupos depois da inserção dos cães para o grupo controle.

Psicologicamente, todos os participantes mostraram mudanças substanciais em autoestima, controle interno e bem-estar psicológico em seis meses após receberem o serviço de cães.

Socialmente, todos os participantes mostraram mudanças similares na integração com a comunidade. Demograficamente, todos os participantes mostraram aumento da frequência na escola e/ou no emprego por meio período. Economicamente, todos os participantes mostraram grande diminuição no número de horas de assistência paga ou não. Não houve mudança significativa na variável de estado civil. Os autores concluem que o serviço de cães pode ser altamente benéfico e potencialmente efetivo para a independência de pessoas com deficiências físicas.

No estudo de Bergman (2000) foi demonstrado resultado positivo em pacientes que possuíam paralisia total ou parcial do corpo com a ajuda dos animais, os quais despertaram a vontade de retomar a vida e ajudaram na depressão, recuperação da fala e movimentos, constituindo uma motivação para o tratamento.

## **Tema: autoconceito vínculo homem-animal**

Poresky et al. (1988) verificaram uma ligação entre a idade que a criança tem seu primeiro animal de estimação mais importante e a influência no autoconceito adulto. Os adultos com níveis de autoconceito maiores são os que tiveram animais de estimação com a idade abaixo de 6 anos ou acima de 10 anos, comparados com os que tiveram os animais com a idade entre 6 e 10 anos de idade.

Poresky (1997) executou um estudo com 394 estudantes para determinar a influência de animais de estimação no autoconceito de adultos. O autor verificou que não houve mudanças significativas em relação a sexo e tipo de companhia animal; também constatou que foram interações muito significativas. Os resultados demonstram

que a interação desses adultos quando crianças com seus animais e a influência no autoconceito adulto são relações complexas que muitas vezes estudos experimentais não são capazes de registrar.

## **Tema: internação hospitalar vínculo homem-animal**

Fraser (1990) relatou aumento na interação social e auxílio no enfrentamento de doenças após observar os pacientes de um hospital expondo que o animal trouxe conforto, amor incondicional, oportunidade de distração e aceitação no ambiente hospitalar.

## **Tema: estresse vínculo homem-animal**

Siegel (1990) verificou que donos de animais precisam ir menos a médicos num período de um ano do que os que não possuem. Constatou que os animais parecem ajudar seus proprietários em momentos de estresse. O número de eventos estressantes estava associado com o aumento de visitas médicas pelos participantes que não possuíam animais. O mesmo não ocorreu com os proprietários.

Allen et al. (1991) investigaram a reação de 45 mulheres em uma situação estressante e a influência de suportes sociais como amigas e cães. Nesse experimento, executaram procedimentos laboratoriais para medir o estresse em uma situação de desafio-aritmética mental. Incluíram também a pesquisa de campo (casa das participantes) para saber a diferença do estresse em ambos os locais. Tentaram eliminar variáveis que em outros estudos não estavam claros como forma adequada de medir o estresse, o local e animais utilizados (animais conhecidos das participantes). Para escolher as participantes foram selecionadas as seguintes categorias: donas de cães, não fumantes, portadoras de declaração de plena saúde e aquelas que não tomavam nenhum tipo de medicação e que se classificavam como "afeiçoadas aos animais". Para medir o estresse foram avaliadas medidas fisiológicas como

pulso, pressão sanguínea e pele. As participantes eram instruídas a sentar-se e descansar por 10 minutos enquanto os instrumentos eram calibrados. Os suportes sociais cães e amigas ficavam a uma distância estabelecida do participante e não podiam tocar, afagar ou falar com a mesma. As participantes, quando foram acompanhadas pelos cães, tiveram reações fisiológicas menores para estresse quando comparadas à presença da amiga. Aparentemente, as participantes sentiram-se menos ameaçadas psicologicamente com a companhia dos cães. Na presença de amigas, exibiram reações fisiológicas maiores relacionadas ao estresse e *performance* reduzida nas respostas de aritmética.

Raveis et al. (1993) verificaram que a presença de animais de companhia (principalmente cães e gatos) pode trazer benefícios em situações de estresse, como quando uma pessoa está experienciando doença grave com seu cônjuge.

Investigando a influência de animais de estimação, amigos e companheiro de matrimônio nas reações cardiovasculares para estresse psicológico e físico, Allen, Blascovich & Mendes (2002) fizeram dois estudos: 1) com gatos; 2) com cães, usando métodos e procedimentos idênticos para ambos. Os participantes receberam suporte social em diversas situações: a) sozinho; b) com animal (quando eram donos de animais)/amigo (quando não eram donos de animais); c) com companheiro; d) com companheiro e animal/amigo. Participaram 120 pessoas casadas (60 homens e 60 mulheres), com idade média de 41,5 anos. Todos eram saudáveis, tinham pressão sanguínea normal e nenhum tomava medicação para o coração. Metade dos participantes tinha um bicho de estimação, e a outra metade não tinha há pelo menos 5 anos. Para estes participantes foram selecionados amigos próximos de mesmo sexo. O experimento foi feito na casa dos participantes devido à dificuldade de os animais entrarem em hospitais e laboratórios das universidades e também porque os experimentadores acreditam que o lar é o ambiente apropriado para se fazer uma pesquisa a respeito de suporte social. Os instrumentos utilizados foram: questionário para avaliar as atitudes dos animais; inventário de relações

próximas; escala para medir hostilidade; lista de suporte interpessoal, inventário multidimensional de agressividade; e questionário de dados demográficos. Para as medidas fisiológicas foram investigados os batimentos cardíacos e a pressão sanguínea. Para os comportamentos foram medidos os erros e acertos durante o teste de matemática. Antes de iniciar a intervenção, foram medidas as taxas cardíacas e pressão sanguínea como linha de base. Os animais ficavam livres no local do experimento e o amigo/companheiro ficava sentado a uma distância predeterminada do participante e estes podiam dar suporte durante o teste como quisessem. Não foi observada diferença significativa nos resultados dos dois estudos: gatos e cães. Não houve diferença significativa no grupo de donos de animais quanto à idade, educação e ausência de crianças em casa. Os donos de animais apresentaram maiores índices no teste de relações próximas do que os que não possuíam animais. As mulheres que tinham animais demonstraram ter menos reações agressivas e mais suporte social comparadas àquelas que não tinham. Durante o teste mental de aritmética, os donos de animais exibiram menores taxas de batimentos cardíacos e de pressão comparadas com o outro grupo. Percebeu-se que a presença do companheiro resultou em melhores resultados que nas outras condições. Não houve diferença no grupo dos que não tinham animais nas diferentes situações de suporte. No grupo dos donos, a presença do companheiro com o animal resultou em reações mais significantes do que apenas com o animal, e foi menos significativa quando apenas com o companheiro. Donos de animias apresentaram menores taxas de pressão arterial em relação aos que não possuíam. A presença de animais ou animais e companheiro ajudou a diminuir significativamente os batimentos cardíacos quando comparado à presença somente do companheiro. Os donos reagiram ao teste mais rapidamente do que os não donos. Na condição sozinha, foi mais demorada que nas outras situações, e com os animais foi mais rápido que nas outras situações. Assim, os autores verificaram que os donos de animais retornam aos níveis da linha de base mais rapidamente. Os animais podem ajudar a diminuir o estresse e, também, diminuir a percepção de estresse.

## **Tema: suporte emocional e animais**

Barker & Dawson (1998) verificaram que a TAA contribuiu na redução dos níveis de ansiedade em pacientes com diferentes diagnósticos psiquiátricos divididos em categorias: depressão; bipolar; esquizofrenia; uso de substâncias; e outras. Foram executadas duas etapas, uma após a outra: terapia assistida por animais (participação do paciente, cão-terapeuta e dono do cão executando atividades que abordaram temas a respeito do cão, interação cão-paciente e foram ensinados comandos de obediência) e atividades de recreação (foram abordados os temas "como gastar o tempo de lazer" e "como aumentar a qualidade dos recursos de lazer na comunidade", e foram feitas atividades artísticas e com música). As atividades de recreação ajudaram a reduzir os níveis de ansiedade apenas nos pacientes da categoria depressão e bipolar.

Triebenbacher (1998) analisou 94 meninos e 80 meninas da pré-escola para verificar se as crianças usam os animais como objetos transicionais e se este contribui para o bem-estar emocional das mesmas. Verificou que 70% eram donas de animais. Elas responderam questões sobre percepção da amizade entre eles e os animais; atividades executadas com os animais; como um comunica amor para o outro aspectos sobre como os animais propiciam amor, segurança e suporte emocional. Elas veem seus animais como amigos especiais, importantes membros da família e que propiciam interação social, afeição e suporte emocional. Concluíram que os animais têm a função de objetos transicionais, pois as crianças indicaram claramente que a melhor forma de demonstrar amor é pela afeição, e eles trazem bem-estar emocional.

Barker, Pandurangi & Best (2003), para determinar se a TAA ajuda na redução do medo, ansiedade e depressão em pacientes psiquiátricos antes da terapia eletroconvulsiva, compararam 15 minutos de sessão de TAA com 15 minutos de sessão de revista. Os resultados demonstraram que a TAA pode ser um caminho no tratamento para diminuir o medo (diminuição de 37%) e a ansiedade

(diminuição de 18%). A TAA não demonstrou ser eficaz para a depressão.

## **Tema: reações fisiológicas na interação homem-animal**

Devido à necessidade de compreender quais são os mecanismos fisiológicos da interação com animais, Odendaal (1999) verificou que, depois de 15 minutos de uma interação positiva, há mudanças positivas nas betaendorfinas, prolactina, dopamina e oxitocina.

## **Tema: influência do animal nas demências**

Kanamori et al. (2001) verificaram a influência da TAA em idosos com demência em um hospital dia. Foram executadas seis sessões, duas vezes por semana. Os participantes foram separados em dois grupos (controle e experimental). O grupo experimental foi formado por sete participantes com idade média de 79 anos, os quais já haviam tido experiências anteriores com animais e gostavam de animais – intervenção de TAA. O grupo controle foi constituído por 20 idosos com média de idade de 83 anos e não tiveram TAA. Nos dois grupos, os participantes apresentaram funcionalidades física e cognitiva semelhantes e, a partir desses dados, foram feitas linhas de base. Foi aplicado o teste minimal antes e depois da TAA para os grupos experimental e controle. Foi executada uma entrevista com familiares. Foi analisado o estresse endócrino por meio de exame da saliva dos pacientes antes e depois da intervenção. Verificou-se que houve diminuição no nível de estresse após TAA, mas os autores questionam se os resultados foram alcançados devido à TAA ou a outras intervenções no hospital.

Edwards & Beck (2002) investigaram a influência da TAA na nutrição em pacientes com Alzheimer. Verificaram que a doença de Alzheimer está aumentando assustadoramente e métodos para prevenção e tratamentos desenvolvidos são, muitas vezes, ineficazes. O baixo peso que esses indivíduos apresentam em razão

da doença aumenta a severidade do quadro e a progressão da doença. A perda de peso pode ser causada pelo aumento no gasto de energia devido a agitação, atividades repetitivas, andar constante e perambulação. Participaram do estudo 62 idosos com idade média de 80 anos, divididos em grupo controle e experimental. No grupo controle foi inserida a figura de um oceano no ambiente de alimentação e atividades, e no grupo experimental foi inserido um aquário com peixes. Foi feita uma linha de base antes de se iniciar a intervenção com as variáveis dependentes – massa corporal e peso da alimentação diária. Não houve diferença nas variáveis antes e depois da introdução da figura para o grupo controle. Para o grupo experimental houve aumento significativo das variáveis dependentes.

## **Tema: paciente com câncer e TAA**

Johnson et al. (2003) verificaram que pacientes com câncer se utilizam de diversas técnicas consideradas alternativas (quando usam este procedimento no lugar do convencional) ou complementares (combinação com o tratamento convencional) para diminuir os efeitos da doença e do tratamento, serem ativos no tratamento e no processo de cura e ter uma melhor qualidade de vida. A interação homem-animal seria um meio para alcançar esses objetivos, pois pode ajudar na distração, focar no positivo e como suporte social, que são conteúdos utilizados pelos pacientes. Assim, participaram do estudo 30 pessoas com idade entre 27 e 75 anos, hospitalizadas para tratamento de câncer, separadas em grupos que receberam 15 minutos de sessão com a presença de um cão, um amigo (instruído a manter conversa descontraída, com eventos corriqueiros, sem discussão a respeito da condição do paciente, terapia, prognóstico, religião, filosofia, política ou tópicos relacionados à saúde em geral) ou leitura em silêncio de revista (selecionada pelos pesquisadores e sem conteúdos sobre câncer, saúde, religião, autoajuda, técnicas alternativas, etc.). Desses 30 participantes, 27 moravam em casa própria, 18 eram casados, 6 moravam sozinhos, 6 com outras pessoas e 17 eram donos de

animais. No final da sessão, os participantes responderam a um questionário com perguntas abertas: o que acharam relevante na sessão, se recomendavam ou não uma sessão similar para outras pessoas, o que a sessão ajudou (de que forma) ou não, entre outras. As respostas foram mais positivas para as sessões com cães e amigos do que para a leitura. Os participantes consideraram os cães e amigos como contribuintes de ajuda para o tratamento. O grupo com cães deu respostas mais positivas em comparação aos outros grupos e a maioria dos indivíduos respondeu que os animais ajudaram o tratamento a ser mais fácil e a se sentir melhor. Os participantes afirmaram que os cães são como confidentes e são amigos, querem conversar com outros a respeito dos cães, ter a visita em suas casas e querem lembrar dessa sessão quando saírem do hospital, o que não ocorreu com o grupo de amigos. Os cães deram conforto, alegria e energia em relação aos amigos. O grupo com revista viu as sessões como positivas, mas sendo algo para passar o tempo. Os autores relatam algumas observações: número pequeno de participantes, o que não consideram significativo. Deve-se explorar mais essa técnica como alternativa ou complementar ao tratamento do câncer, pois ainda não está claro que contribuições ela pode trazer comparando-a com outras técnicas como a musicoterapia, a hipnose e a massagem.

## **Tema: paciente terminal e TAA**

Geisler (2004) faz uma avaliação sobre a TAA a partir de histórias de alguns pacientes e conclui que animais de companhia podem ajudar a melhorar a qualidade de vida de pessoas em estado terminal. Esses animais oferecem contribuições específicas para os cuidados no "final da vida", como facilitar a comunicação, revisão da vida e fé. O autor coloca em tópicos pontos importantes para encorajar o uso de animais de companhia em hospitais, como: incluir histórias de animais na entrevista inicial – essa atitude pode ajudar o paciente a aceitar a visita do mesmo; oferecer a visita do animal como parte do programa; incluir o animal na facilitação da comunicação no estágio terminal, o que permite à pessoa conversar

sobre assuntos importantes, e que muitas vezes não se sente à vontade com familiares e amigos.

## **Tema: dor e TAA**

Sobo, Eng & Kassity-Krich (2006) exploraram o efeito da TAA no manejo da dor em um hospital pediátrico. Participaram 25 pessoas com idade entre 5 e 18 anos. Os pesquisadores verificaram a importância desta pesquisa, pois muitas vezes as crianças, mesmo medicadas, continuam a sofrer dores de moderadas a severas no pós-operatório. Vários órgãos nos Estados Unidos estão incentivando as instituições a desenvolverem métodos para avaliar a dor (que é subjetiva) e intervenções eficazes. Foi feita entrevista e aplicação de escala para avaliar a percepção física e emocional da dor pelas crianças, antes e depois da intervenção e houve uma reflexão dos participantes sobre a experiência de TAA após a intervenção. As crianças participantes não poderiam ter alergia a animais. Participou um cão da raça *old west highland white terrier*, fêmea, e seu dono (este só conduzia o cão, não interagiu com o participante). Nas intervenções, os participantes decidiam que tipo de interação gostariam de ter com o cão: passiva (o cão sentaria ou dormiria com a criança), menor interação (o cão faz truques), e alta interação (faz atividades com o cão, como passear e brincar). A TAA trouxe diminuição na percepção da dor física e emocional dos participantes. Os cães proporcionaram alegria, interação, divertimento, lembrança de casa, companhia, calma e melhora da dor. Os relatos demonstraram diferentes visões, sendo que o mais relatado foi que o cão proporcionou distração da dor e da situação hospitalar, alegria (para os que tiveram um contato passivo), divertimento e entretenimento (contato com atividades). Os pesquisadores argumentam que, mesmo sendo uma amostra pequena, os resultados confirmam os benefícios encontrados na literatura e demonstram que a TAA pode ser utilizada em conjunto com outras técnicas para aliviar a dor.

## **Tema: sistema prisional e animais**

Furst (2006) fez um estudo de revisão sobre programas com animais em prisões. Verificou que as pesquisas empíricas nessa área são escassas. O trabalho com animais nas prisões está sendo executado na maioria dos estados americanos; o animal mais usado ainda é o cão (o que está contribuindo para diminuir os animais soltos nas cidades); é executado mais frequentemente nas prisões masculinas e esses trabalhos começaram a se estabelecer depois de 2000. Algumas pesquisas demonstraram que houve diminuição no sentimento de isolamento e frustração, melhora de autoestima, estresse e comportamentos violentos. Muitos dos presos não retornaram ao sistema prisional depois de cumprida a pena.

## **Tema: desenvolvimento infantil e animais**

Melson (1990) demonstra a importância da natureza e dos animais no desenvolvimento das crianças, principalmente para o desenvolvimento do cuidado ao outro. Experiências de cuidar e proteger seres vivos podem promover sentimentos de autoeficácia e percepção de vínculo positivo. Possuir ou interagir com um animal pode ajudar meninos a desenvolver o cuidado e a proteção a um ser vivo, pois muitas vezes eles não tem essas experiências, ao contrário das meninas. Animais e plantas dependem de pessoas para o seu desenvolvimento, senão morrem. Isto é primordial para um ambiente familiar estruturado e uma sociedade sã.

Vidovic, Stetic & Bratko (1999) investigaram as características socioemocionais de crianças que têm animais e crianças que não têm. Participaram 425 meninas e 401 meninos. As variáveis foram: vínculo, orientação pró-social, empatia, percepção do clima familiar, ansiedade e isolamento. Demonstraram que efeitos significativos ocorrem em relação a empatia, orientação pró-social e vínculo com os donos. As crianças que tinham altos índices de vínculo com os animais percebiam o clima familiar significativamente melhor que crianças com pouco vínculo.

A Menzies Incorporated (2003) constata que a TAA pode ser efetiva para muitas crianças e adolescentes que cresceram em ambientes

hostis (negligência, abuso, rejeição), e verifica vantagens desse trabalho executado em fazendas, pois pode possibilitar variedade de animais, plantas e atividades e, ainda, contribuir para a interação entre as pessoas.

Thigpen, Ellis & Smith (2005) descrevem o histórico, as limitações e pesquisas sobre AAA e TAA. Verificam que agrupar animais ao tratamento de crianças com desordens emocionais e comportamentais pode ajudar a aumentar as habilidades intelectuais.

## **Tema: momentos de crise e vínculos com animais**

Hoff & Bergler (2001) verificaram que o cão é uma influência positiva para crianças que passaram por situação de divórcio dos pais. As crianças relataram que o cão é uma companhia indispensável em momentos de crise; é um amigo em que pode confiar e dizer problemas; uma companhia que propicia atenção; é uma importante ajuda quando há preocupações, pois distrai com brincadeiras; ajuda em momentos de solidão.

## **Tema: vínculo criança com necessidade especial e animal**

Martin & Farnum (2002) fizeram um estudo com 10 crianças com idade mental de 2 a 6 anos e diagnóstico de: Asperger, autista, sem diagnóstico específico. Executaram 45 sessões individuais três vezes por semana, e todas realizaram atividades em três condições: a) com bola; b) com o cachorro de pelúcia; e c) com o cão. As sessões tinham duração de 15 minutos e eram gravadas. Foram avaliadas duas categorias de comportamentos: comportamento gestual (responder questões com a cabeça, olhar para o experimentador, para o objeto, tocar, etc.) e comportamento verbal (responder questões com sim, não, murmúrios, chorar, sorrir,

repetição, etc.). A interação com cães parece ter trazido benefícios positivos: as crianças sorriam mais, brincavam e houve aumento na atenção. Engajavam-se mais nas conversas sobre cães.

Conversavam menos sobre tópicos do protocolo do que nas outras situações, o que apoia o experimento: os animais tiveram a função de manter o interesse e o foco das crianças. Olhavam menos ao redor, focavam mais o cão e iniciavam conversas.

O [Quadro 1](#) apresenta uma síntese dos artigos encontrados sobre pesquisas envolvendo a TAA em ordem cronológica compreendendo o período de 1973 a 2006.

**Quadro 1** Apresentação da caracterização dos artigos internacionais.

| Ano  | Autor                                                                      | Título                                                                                                                                                     | Tema                                                            |
|------|----------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| 2006 | Sobo, Eng & Kassity-Krich                                                  | Canine visitation (pet) therapy: pilot data on decreases in child pain perception.                                                                         | Dor e TAA.                                                      |
| 2006 | Furst                                                                      | Prison-based animal programs: a national survey.                                                                                                           | Revisão bibliográfica sobre prisão e TAA.                       |
| 2005 | Thigpen, Ellis & Smith                                                     | Special education in juvenile residential facilities: can animals help?                                                                                    | TAA e jovens.                                                   |
| 2004 | Geisler                                                                    | Companion animals in palliative care: stories from the bedside.                                                                                            | TAA e contribuições para o estado terminal.                     |
| 2003 | Menzies Incorporated                                                       | Animal assisted therapy and young people - a review of selected literature.                                                                                | TAA e jovens.                                                   |
| 2003 | Barker, Pandurang & Best                                                   | Effects of animal-assisted therapy on patients' anxiety, fear and depression before ECT.                                                                   | TAA e contribuições a situações de medo, ansiedade e depressão. |
| 2003 | Johnson, Meadows, Haubner & Sevedge                                        | Human-animal interaction: a complementary/alternative medical intervention for cancer patients.                                                            | Aspectos relacionados a TAA.                                    |
| 2002 | Martin & Farnum                                                            | Animal-assisted therapy for children with pervasive developmental disorders.                                                                               | TAA e a acessibilidade especial.                                |
| 2002 | Kaizer, Spencer, McGavin, Struble & Keilman                                | A dog and a "happy person" visit nursing home residents.                                                                                                   | A relação idoso, cão e pessoa feliz.                            |
| 2002 | Allen, Blascovich & Mendes                                                 | Cardiovascular reactivity and the presence of pets, friends, and spouses: the truth about cats and dogs.                                                   | Estresse e TAA.                                                 |
| 2002 | Edwards & Beck                                                             | Animal-assisted therapy and nutrition in Alzheimer's disease.                                                                                              | TAA e Alzheimer.                                                |
| 2001 | Kanomori, Suzuki, Yamamoto, Kanda, Matsui, Kojima, Fukawa, Sugita & Oshiro | A day care program and evaluation of animal-assisted therapy (AAT) for the elderly with senile.                                                            | TAA e demência.                                                 |
| 2001 | Hoff & Bergler                                                             | The positive influence of dogs on children in divorce crises from the mother's perspective and of the child-dog relationship from the child's perspective. | TAA e divórcio.                                                 |
| 2000 | Bergman                                                                    | Opposing speciesism.                                                                                                                                       | TAA e paralisia.                                                |
| 1999 | Vidovic, Steric & Bratko                                                   | Pet ownership, type of pet and socio-emotional development of school children.                                                                             | TAA e desenvolvimento infantil.                                 |
| 1999 | Oldendael                                                                  | A physiological basis for animal-facilitated psychotherapy.                                                                                                | TAA e reações fisiológicas.                                     |
| 1998 | Bjerke, Oddegardsen & Kaltenborn                                           | Attitudes toward animals among Norwegian adolescents.                                                                                                      | Atitude frente aos animais.                                     |
| 1998 | Triebenbacher                                                              | Pets as transitional objects: their role in children's emotional development.                                                                              | Animais como objetos transicionais.                             |
| 1998 | Barker & Dawson                                                            | The effects of animal-assisted therapy on anxiety ratings of hospitalized psychiatric patients.                                                            | TAA e pacientes psiquiátricos.                                  |
| 1997 | Poresky                                                                    | Sex, childhood pets and young adult's self-concept scores.                                                                                                 | Animais de estimação e autoconceito.                            |
| 1996 | Allen & Blascovich                                                         | The value of service dogs for people with severe ambulatory disabilities: a randomized controlled trial.                                                   | TAA e deficiência física.                                       |
| 1993 | Siegel                                                                     | Companion animals in sickness and in health.                                                                                                               | Ensaio teórico sobre vínculo homem-animal e TAA.                |
| 1993 | Ravin, Mesagno, Karvis, Gorey                                              | Pet ownership as a protective factor supporting the emotional well-being of cancer patients and their family members.                                      | TAA e situações de estresse como câncer do companheiro.         |
| 1991 | Raun, Oetting & Gergstrom                                                  | Health benefits of companion animals in relation to the physiologic indices of relaxation.                                                                 | TAA e seus benefícios.                                          |
| 1991 | Allen, Blascovich, Tomaka & Kelsey                                         | Presence of human friends and pet dogs as moderators of automatic responses to stress in women.                                                            | Estresse, amigos e cães.                                        |
| 1990 | Melson                                                                     | Fostering inter-connectedness with animals and nature: the developmental benefits for children.                                                            | Animais e crianças.                                             |
| 1990 | Siegel                                                                     | Stressful life events and use of physician services among the elderly: the moderating role of pet ownership.                                               | Estresse, visitas médicas e cães.                               |
| 1990 | Fraser                                                                     | Companion animals and the promotion of health.                                                                                                             | TAA e interação.                                                |
| 1989 | Kidd & Kidd                                                                | Factors in adults' attitudes toward pets.                                                                                                                  | Vínculo homem-animal.                                           |
| 1988 | Poresky, Hendrix, Mosier & Samuelson                                       | Young children's companion animal bonding and adult's pet attitudes: a retrospective study.                                                                | Autoconceito e vínculo homem-animal.                            |
| 1987 | Eddy, Hart & Holtz                                                         | The effects of service dogs on social acknowledgments of people in wheelchairs.                                                                            | Deficiência física e cães.                                      |
| 1986 | Akiyawa, Holtzman & Beitz                                                  | Pet ownership and health status during bereavement.                                                                                                        | Benefícios dos cães.                                            |
| 1985 | Okoniewski & Zivan                                                         | Adolescent's perceptions of human-animal relationships.                                                                                                    | Vínculo homem-animal e benefícios.                              |
| 1984 | Messent                                                                    | Correlates and effects of pet ownership.                                                                                                                   | Benefícios dos cães.                                            |
| 1984 | Beck & Katcher                                                             | A new look at pet-facilitated therapy.                                                                                                                     | Ensaio teórico.                                                 |
| 1983 | Lockwood                                                                   | The influence of animals on social perception.                                                                                                             | Percepção de adolescentes a situações com ou sem cães.          |
| 1983 | Ory & Goldberg                                                             | Pet ownership and life satisfaction in elderly women.                                                                                                      | Idosos e cães.                                                  |
| 1983 | Kellert & Westervelt                                                       | Historical trends in American animal use and perception.                                                                                                   | Ensaio teórico vínculo homem-animal.                            |
| 1982 | Levinson                                                                   | The future of research into relationships between people and their animal companions.                                                                      | Ensaio teórico.                                                 |
| 1980 | Friedman, Katcher, Lynch & Thomas                                          | Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit.                                                             | TAA e cirurgia cardíaca.                                        |
| 1974 | Mugford & M'Comisky                                                        | Some recent work on the psychotherapeutic value of caged birds with old people.                                                                            | Contribuições vínculo homem-animal e idosos.                    |
| 1973 | Ainsworth                                                                  | The development of infant-mother attachment.                                                                                                               | Ensaio teórico.                                                 |



# Capítulo 5 - Estudos nacionais sobre TAA

Para uma melhor compreensão, o presente capítulo será organizado em três categorias: 1) artigos; 2) teses e dissertações; e 3) livros e capítulos de livros.

## 1) Artigos

Na categoria artigos, pode-se observar que no período de 2003 a 2007 foram contabilizados seis artigos e pesquisas científicas na área. Pode-se deduzir que há a necessidade de maiores investimentos.

Kawakami & Nakano (2003) executaram um trabalho de TAA em quatro instituições de saúde: 1) especializada em Educação Especial para crianças com diversas síndromes; 2) abrigo para idosos; 3) local para crianças com câncer; e 4) abrigo para crianças com HIV. Observaram que, com as visitas dos animais, os pacientes ficaram mais alegres, motivados, conversavam mais entre si e com outras pessoas e, ainda, os animais possibilitaram aprendizado.

Amorim et al. (2004) relataram um caso clínico de uma criança com paralisia cerebral realizando TAA acompanhada por terapeutas ocupacionais em sessões semanais (uma vez por semana) com duração de 40 minutos por 8 meses. Os instrumentos utilizados foram anamnese e medida de independência funcional (MIF). Os autores verificaram que o paciente perdeu a motivação, deixando de cooperar em outros tratamentos, o que impossibilitou seu desenvolvimento, e essa foi a queixa principal dos familiares. No início do tratamento, a criança apresentou grau de dependência de 48%, verbalização fraca, não mantinha diálogo constante, e insegurança. O objetivo inicial foi psicomotricidade, linguagem

verbal, autoestima e confiança. No final do trabalho, apresentou 81% no desempenho de atividades funcionais e maior segurança. Assim, os autores concluíram que

a TAA é provida de oportunidades, permitindo ao praticante aprender novas tarefas e comportamentos, o que pode levar ao aumento do potencial para a resposta adaptativa necessária na organização das tarefas cotidianas (saúde, lazer e educação). Além da relação de afeto que se desenvolve, do estímulo ao período sensório motor, do toque das mãos, do sentir, do explorar o corpo do animal e observar suas reações, muitos conhecimentos são adquiridos nessa interação homem-animal. É notória a inversão de papéis nessa construção do relacionamento quando o paciente passa a cuidar do animal estimulando a autonomia e responsabilidade. Cuidar da limpeza do bicho, da alimentação favorece o desenvolvimento do vínculo afetivo e do lidar com os mais diversos sentimentos, da frustração à alegria (...) (Amorim et al., 2004, p. 25).

Bussotti et al. (2005) executaram um estudo de caso clínico com uma paciente adolescente portadora de leucemia linfocítica aguda. Ficou internada por 46 dias, tendo várias intercorrências e complicações, o que contribuiu para o desencadeamento de sintomas depressivos, além de passar datas comemorativas como aniversário, Natal e Ano-Novo dentro do hospital. A paciente solicitou a visita de seu cão, o qual foi presenteado pela família à paciente após a descoberta da doença, no início do tratamento. As visitas por animais não faziam parte da rotina do hospital e dos funcionários, mas a equipe de enfermagem decidiu viabilizar a visita, pois argumentam que é de responsabilidade do enfermeiro a qualidade do atendimento e que devem ser utilizados recursos seguros e eficazes que garantam a recuperação do paciente. Os referidos autores perceberam que a visita do cão proporcionou um momento de alegria, descontração para a paciente, e ainda contribuiu para uma assistência humanizada e com qualidade por parte dos profissionais envolvidos.

Mendonça (2006) faz uma revisão bibliográfica sobre a gerontologia e sua relação com a TAA, demonstrando pontos para contribuir e executar uma intervenção de TO assistida por cães junto aos idosos. Demonstra que é um modo de ampliar e enriquecer o campo de atividade e recursos desse profissional junto aos idosos.

Godoy & Denzin (2007) fazem um ensaio sobre a relação TAA e a educação, e argumentam que o

uso de animais pode ser considerado um rico auxílio no trabalho pedagógico tanto com crianças normais como com as crianças especiais, contudo não se pode perder o foco da intervenção pedagógica ou daquilo que se quer e precisa alcançar (Godoy & Denzin, 2007, p. 38).

Porto & Cassol (2007) abordam questões sobre a utilização da técnica da zooterapia e o trabalho desenvolvido em Porto Alegre. Com o objetivo de ajudar no tratamento de crianças que sofreram algum tipo de violência física ou psíquica, a TAA é utilizada por ser menos traumática, pois muitas vezes essas crianças tornam-se introspectivas e agressivas, dificultando o tratamento de recuperação. Interagindo com labradores, *poodle* e vira-latas, as crianças reforçam os vínculos afetivos, reaprendendo noções de respeito, autoestima e cuidado. Uma das crianças não falava, mas depois de três sessões executando atividades de jogar bola, acariciar, verbalizou as primeiras palavras depois do trauma de agressão.

A seguir, no [Quadro 2](#), observa-se uma síntese dos artigos nacionais no período de 2003 a 2007. Isso também pode indicar que é um tema ainda recente no Brasil.

## Quadro 2 Apresentação da caracterização sobre os artigos nacionais.

| Ano  | Autor                            | Título                                                                                                             | Tema                                                |
|------|----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| 2007 | Porto & Cassol                   | Zooterapia uma lição de cidadania: o cão socializador e a criança vítima de violência intrafamiliar.               | TAA e violência familiar.                           |
| 2007 | Godoy & Denzin                   | Atividades assistidas por animais: aspectos revisivos sob um olhar pedagógico.                                     | AAA e pedagogia.                                    |
| 2006 | Mendonça                         | Terapia Ocupacional assistida por animais em gerontologia: uma nova proposta de intervenção.                       | TAA e idosos.                                       |
| 2005 | Bussoti, Leão, Chimentão & Silva | Assistência individualizada: posso trazer meu cachorro?                                                            | AAA e câncer.                                       |
| 2004 | Amorim et al.                    | Valorizando a vida e cidadania através da terapia facilitada por cães.                                             | TAA e paralisia cerebral.                           |
| 2003 | Kawakami & Nakano                | Relato de experiência: terapia assistida por animais (TAA) – mais um recurso na comunicação paciente e enfermeiro. | TAA e a necessidade especial, idosos, câncer e HIV. |

Analisando os artigos nacionais (AN), constata-se que foram encontrados seis artigos relacionados à área, o que demonstra ainda haver poucos artigos publicados.

Comparando os artigos internacionais e nacionais, verifica-se uma nítida discrepância entre ambos relacionada à quantidade de publicações (AI = 42 e AN = 6); início das publicações (os internacionais começam desde a década de 1970 e os nacionais a partir de 2003); e rigor metodológico: verifica-se que as publicações nacionais citadas podem ser consideradas como relatos de experiência, diferentemente da grande maioria dos internacionais.

O que se pode comprovar é que atualmente no Brasil há um grande número de reportagens escritas e faladas mostrando os benefícios

dos animais para o homem, e que as publicações de artigos precisam procurar um rigor metodológico e serem mais publicadas.

## **2) Teses e dissertações**

Quanto à categoria teses e dissertações, foram contabilizadas no período de 2003 a 2009 apenas quatro, a seguir descritas.

O estudo de Fuchs (1988) relata que a relação homem-animal tornou-se tão complexa que, ao entrar para uma família, o animal é capaz de provocar alterações no relacionamento de todos os seus membros. Ele adquire *status* de uma pessoa, e, quando o mesmo desaparece, sua falta é sentida com muita intensidade.

Faraco (2003) investiga a interferência da presença dos animais no clima grupal e no interesse das crianças pelas atividades escolares. Participaram da pesquisa 58 crianças (entre 6 e 12 anos). As intervenções tiveram a duração de 8 semanas (T = 21 horas), com a participação de diferentes animais, como tartaruga, jaboti, cágados, pássaros e pombos. As crianças foram solicitadas a expressar o que pensavam ou sentiam sobre a escola e os animais e a explicar as causas dessa percepção e sentimento. Sobre os animais, relataram gostar porque se sentiam aceitas (tendência pró-social, entusiasmo, realizar planos do grupo), e as repostas mais frequentes quanto às atividades com animais foram legal e bom. Dessa forma, conclui-se que houve uma provável modificação na atmosfera grupal que foi expressa por um maior interesse e produtividade. Foi um estímulo à comunicação, e o animal pode contribuir para as atividades regulares da escola. Mas a autora coloca vários questionamentos para pesquisas futuras sobre a precariedade de dados empíricos como período mínimo indicado, frequência de encontros, espécies de animais, atividades a serem desenvolvidas e instrumentos de avaliação. Por isso, destaca a importância para o processo de construção da pesquisa.

Althausen (2006) teve como objetivo a elaboração de uma reflexão teórica sobre o uso do cão como recurso em encontros com

adolescentes com síndrome de Down. Participaram da pesquisa quatro adolescentes de 11 a 18 anos de idade e sete cães de um canil. Cada encontro aconteceu semanalmente (T = 15) e com duração de 30 minutos a 1 hora. Os encontros revelaram a ocorrência de diversas situações que podem ser usadas com diferentes objetivos, como: aprendizagem de conceitos (cor, sequência, quantidade, formas e conteúdos), que foi possibilitada na condução dos cães aos obstáculos; o uso de palavras através da escovação dos cães permitiu ao profissional iniciar um diálogo a respeito do cotidiano dos participantes e nomear partes do corpo do animal; motricidade que foi possível, pois os adolescentes precisavam ajustar a força necessária para controlar o animal ao conduzi-lo; e expressão emocional, pois nos vários momentos houve uma comunicação do mundo interno devido à maneira como cada um se colocou na situação. Percebe-se que a maneira de ser dos cães e sua forma de comunicação pode ser um facilitador na emergência de espaços potenciais, ou seja, dar oportunidade de experimentar a criatividade, exploração e a descoberta de si. A análise das funções dos cães e do manejo da situação permitiu à pesquisadora refletir sobre as possibilidades de intervenção com os participantes a partir dos contatos.

Capote (2009) realizou um estudo utilizando o cão como recurso no desenvolvimento psicomotor do aluno com deficiência intelectual. Os resultados apontaram que as crianças, alunas de uma instituição especializada, apresentaram, após a intervenção com o rigor dos devidos percursos metodológicos, desenvolvimento psicomotor quando comparadas com o grupo de controle.

A síntese das quatro dissertações e teses encontra-se indicada no [Quadro 3](#).

### **Quadro 3** Apresentação da caracterização sobre as teses e dissertações.

| Ano  | Autor     | Título                                                                                                | Tema                                            | Instituição |
|------|-----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|-------------|
| 2009 | Capote    | Terapia assistida por animais (TAA) e deficiência mental: análise do desenvolvimento psicomotor.      | Cão como recurso no desenvolvimento psicomotor. | UFSCar      |
| 2006 | Althausen | Adolescentes com síndrome de Down e cães: compreensão e possibilidades de intervenção.                | Cão como recurso à necessidade especial.        | USP         |
| 2003 | Faraco    | Animais em sala de aula: um estudo das repercussões psicossociais da intervenção mediada por animais. | Animais e atividades escolares.                 | PUC-RS      |
| 1988 | Fuchs     | O animal em casa: um estudo no sentido de desvelar o significado psicológico do animal de estimação.  | Vínculo homem-animal.                           | USP         |

A análise das teses e dissertações aponta que foram encontradas quatro relacionadas à área, o que demonstra ainda ser um número muito pequeno.

Faraco (2003), Althausen (2006) e Capote (2009), além de trazerem em suas pesquisas rigor metodológico, permitem um maior aprofundamento dentro da área relacionada à intervenção.

Esses trabalhos são de fundamental importância, pois investigam aspectos que os estudos internacionais tentam eliminar, como analisar a importância do animal, não descartando a função do profissional envolvido. Tentam elucidar conteúdos que as pesquisas internacionais não enfocam em decorrência dos objetivos que almejam, assim suas metodologias não comportam categorias como número de sessões, atividades a serem executadas e espécies de animais.

São dados que provavelmente não podem ser generalizados devido ao número de participantes e também por serem apenas três

pesquisas, mas já contribuem para um maior direcionamento dentro da área.

### 3) Livros e capítulos

Finalmente, na categoria livros e capítulos de livros foram encontrados no período de 2003 a 2006 quatro títulos, a saber:

1) Becker (2003), em *O poder curativo dos bichos*, relata descobertas científicas mescladas com histórias pessoais de animais e seus donos. É um guia que ensina e propicia conhecimento sobre o vínculo homem-animal.

2) Dotti (2005) discute aspectos da relação homem-animal, procedimentos para a utilização de animais como recurso terapêutico (como selecionar animais, como se dá o envolvimento animais e pacientes, em que consistem os programas de TAA e AAA, quais caminhos para desenvolver esses programas e relatos de experiências de profissionais da área da saúde).

3) Martins (2005 *apud* Dotti, 2005) verificou que a introdução de animais nas escolas, como o *escargot*, trouxe benefícios afetivos, sociais, terapêuticos e de aprendizado para as crianças com ou sem necessidades especiais (síndrome de Down, autistas, paralisia cerebral, hiperativos). Foi demonstrado que os resultados foram mais rápidos do que os procedimentos em que se utilizam jogos, gravuras e músicas. Em pesquisa com *escargot* e autistas, foi relatado que as crianças estabeleceram um sistema de comunicação por meio de gestos e mímicas direcionadas ao *escargot*.

4) Santos (2006) relata sua experiência desde 2004 com a TAA e pacientes com diversas patologias, entre elas, problemas neurológicos, autistas, portadores de encefalopatia crônica, hidrocefalia, deficiência visual, auditiva, etc. Conclui que a TAA contribui positivamente nas modalidades terapêuticas

tradicionais utilizadas no tratamento. Verificou que fatores como idade, ambiente, grau de comprometimento e patologias associadas interferem nesse processo. Mas foi possível a aplicação de exercícios e funções que muitas vezes são difíceis de serem realizadas somente com o uso da terapia tradicional. Os pacientes passaram a aceitar mais as intervenções de fisioterapia, terapia ocupacional e enfermagem.

No [Quadro 4](#) encontra-se uma síntese dos livros e capítulos de livros.

**Quadro 4** Apresentação da caracterização sobre os capítulos e livros relacionados à TAA.

| Ano  | Autor   | Título                                                          | Tema                           | Editora  |
|------|---------|-----------------------------------------------------------------|--------------------------------|----------|
| 2006 | Santos  | Terapia assistida por animais: uma experiência além da ciência. | Aspectos da TAA e experiência. | Paulinas |
| 2005 | Martins | Animais na escola.                                              | Contribuições da TAA.          | Noética  |
| 2005 | Dotti   | Terapia e animais.                                              | Aspectos relacionados à TAA.   | Noética  |
| 2003 | Becker  | O poder curativo dos bichos.                                    | Contribuições da TAA.          | Bertrand |

Pode-se constatar que foram encontrados apenas três livros, sendo que dois são nacionais e um é traduzido; e um capítulo de livro relacionado à área. Comparando esta categoria com as outras expostas (artigos nacionais, dissertações e teses), verifica-se que não são tão escassos. Contudo, demonstram aspectos relacionados às experiências dos autores relacionadas à TAA. Apenas um (traduzido) cita em seu conteúdo grande quantidade de pesquisas que foram executadas na área.

Ao realizar uma análise sobre as publicações que tratam das pesquisas que abordam temas relacionados às necessidades especiais, pode-se constatar que as mesmas são 18. Verifica-se que houve um aumento no interesse sobre o tema com o passar dos

anos. Porém, ainda é um número restrito para afirmar que a TAA contribui e traz benefícios para essa população. Entretanto, acredita-se que mais pesquisas poderão ser realizadas, contribuindo, assim, para o avanço na área.

## **Capítulo 6 - A TAA no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual**

Um estudo para verificar se a TAA poderia influenciar no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual foi realizado por Capote (2009).

Participaram deste estudo 12 crianças com idade entre 9 e 13 anos, separadas em dois grupos aleatoriamente (grupo controle e grupo experimental), de ambos os sexos, que frequentavam a mesma instituição escolar especial. Os critérios estabelecidos para a seleção dos participantes foram: a) diagnóstico de deficiência intelectual; b) mesmo nível socioeconômico; c) que não apresentem medo de animais; e d) que participem das mesmas atividades oferecidas pela escola, ou seja, são de grupos equivalentes.

Os animais participantes foram dois cães mansos de porte pequeno, de cinco e dois anos de idade (adultos), da raça *lhasa apso*, que estavam sob controle periódico pelo médico veterinário responsável e apresentavam boa saúde: vacinas de raiva, gripe, giárdia e V10, e eram vermifugados de seis em seis meses.



**Figura 1** Cães da raça *lhasa apso*.

A pesquisa foi realizada em sala de aula e lugares externos pertencentes a uma instituição escolar especial. Os ambientes eram amplos, arejados e com luminosidade adequada.

Utensílios/objetos que faziam parte do ambiente dos animais: duas escovas para pentear pelos, nas cores verde e vermelha, quatro bolas pequenas nas cores amarela, vermelha, verde e azul, quatro coleiras, sendo que duas eram na cor vermelha e duas na cor azul, ração, belisco e comedouros para cães.

E ainda foram utilizados: corda, cadeira pequena, copos plásticos descartáveis, filtro de água, água potável, 40 presilhas coloridas e pequenas para prender cabelo, dois cães de pelúcia, dois caminhões de brinquedo, torneira, sabonete e toalha.



**Figura 2** Materiais utilizados durante a intervenção.

Como instrumentos foram utilizados a Avaliação Motora (Rosa Neto, 2002); entrevistas estruturadas para pais, crianças e professor. Foi utilizado também o diário de campo para anotações pós-fato.

O estudo atendeu às exigências dos aspectos éticos (Resolução 196/96) do Comitê de Ética. Os pais/responsáveis que autorizaram a execução da pesquisa foram instruídos a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os participantes não foram identificados e não foram utilizadas imagens dos mesmos para divulgação dos resultados.

A pesquisadora que desenvolveu o estudo possui noções de adestramento e sempre está em contato com os animais em questão e, por isso, há o conhecimento de reações/comportamentos dos animais para se evitar acidentes. As providências citadas são de extrema importância para não acarretar prejuízos para o participante e para o animal. Os animais utilizados na pesquisa não foram expostos a dor e sofrimento, as atividades propostas

garantem ao animal um tratamento humanitário e não é um estudo que desencadeia conflito entre o bem-estar dos seres humanos e dos animais (Lei 1.153 de 1995).

As crianças foram escolhidas de acordo com os critérios para seleção da população – idade, escola especial que seja comum a todas as crianças, diagnóstico de DI, nível econômico semelhante a todas as crianças, que não apresentassem medo de animais e que sejam participantes das mesmas atividades escolares.

A coleta de dados foi desenvolvida nas seguintes etapas: a) formação dos grupos – as crianças foram separadas em grupo experimental e grupo controle de forma aleatória. O grupo experimental recebeu a intervenção com a presença dos animais (TAA) e profissional – G1. O grupo controle foi separado em G2, que recebeu intervenção apenas com a presença do profissional e G3, que não recebeu intervenção; b) avaliação inicial (aplicação da avaliação motora e entrevistas com participantes e responsáveis dos três grupos G1, G2 e G3); c) intervenção com anotações cursivas pós-fato (diário de campo): todas as sessões tiveram duração de uma hora, por cinco dias da semana, excluindo feriados, comemorações na escola, férias, reuniões, entre outras.

G1 – Na sala de aula encontravam-se dois cães (Luke e Fiona), e, nesse momento, as crianças poderiam cumprimentar os cães, abraçar, entre outras coisas. Era explicado o que seria realizado naquele dia. A pesquisadora questionava como estavam se sentindo e fazia perguntas para verificar a memória dos participantes – o que fizeram no dia anterior, quais os nomes dos cachorros, qual a cor da coleira, qual atividade gostaram mais de fazer, entre outras.

Primeira atividade – passear com os cachorros pela escola. Trajeto fixo. Colocavam coleira nos cachorros – azul para o Luke (macho) e vermelha para Fiona (fêmea). Começavam o passeio segurando a coleira com a mão direita e, no meio do trajeto, seguravam-na com a mão esquerda. Andavam até uma área aberta, com grama.



**Figura 3** Passear com os cachorros.

Segunda atividade – neste local aberto, percorriam dois metros em linha reta, posicionando o calcanhar de um pé contra a ponta do outro; com os pés juntos, saltavam por cima de uma corda estendida sobre o solo e pegavam uma bola de 6 cm de diâmetro, subiam sobre um banco de 15 cm de altura, jogavam a bola para os cachorros e desciam do banco.

Terceira atividade – como recompensa, podiam brincar livremente com os cachorros pelo gramado, realizar brincadeiras como pega-pega, esconde-esconde e jogar bola.

Quarta atividade – voltar para a sala de aula percorrendo o mesmo trajeto (primeira atividade).

Quinta atividade – na sala de aula, tiravam as coleiras dos cachorros. Pegavam copos descartáveis de plástico, caminhavam até o bebedouro, enchiam-no de água e a colocavam na vasilha de água dos cachorros.

Sexta atividade – colocavam ração em uma vasilha, uma por uma (número total de 20), primeiro com a mão direita, depois com a esquerda, e a ofereciam aos cachorros.

Sétima atividade – penteavam os cachorros primeiramente com a mão direita, e depois com a esquerda (número total de 20). A criança que ficasse com o Luke penteava com a escova verde, e quem ficasse com a Fiona, com a escova vermelha.



**Figura 4** Pentear os cães.

Oitava atividade – colocavam presilhas coloridas nos cães, primeiramente com a mão direita e em seguida, com a esquerda

(número total de 20).



**Figura 5** Colocar presilhas nos cães.

Nona atividade – despediam-se dos cães com carinho, abraçavam, falavam algo para eles, entre outras.

Décima atividade – caminhavam até à torneira que havia dentro da sala de aula e lavavam as mãos, enxugavam-nas na toalha e voltavam para a aula.

G2 – Foi feito um acordo com as crianças. Elas iriam treinar algumas atividades durante um período de tempo e, no último dia, realizariam as mesmas atividades com os cães.

Na sala de aula encontravam-se dois cães de pelúcia (Luke e Fiona) e dois caminhões de brinquedo, e, nesse momento, podiam pegar os brinquedos e brincar. Foi explicado o que seria feito naquele dia. A pesquisadora questionava como estavam se sentindo e fazia perguntas para verificar a memória dos participantes – o que fizeram

no dia anterior, quais os nomes dos cachorros, qual a cor da coleira, qual atividade gostaram mais de fazer, entre outras.

Primeira atividade – passear com os caminhões pela escola. Trajeto fixo. Colocavam coleira nos caminhões: azul e vermelha.

Começavam o passeio segurando a coleira com a mão direita e, no meio do trajeto, seguravam-na com a mão esquerda. Andavam até uma área aberta, com grama.

Segunda atividade – nesse local aberto, percorriam dois metros em linha reta, posicionando o calcanhar de um pé contra a ponta do outro; com os pés juntos, saltavam por cima de uma corda estendida sobre o solo e pegavam uma bola de 6 cm de diâmetro, subiam sobre um banco de 15 cm de altura, jogavam a bola em um alvo e desciam do banco.

Terceira atividade – como recompensa, podiam brincar livremente pelo gramado – pega-pega, esconde-esconde, jogar bola.

Quarta atividade – voltar para a sala de aula percorrendo o mesmo trajeto (primeira atividade).

Quinta atividade – na sala de aula, tiravam as coleiras dos caminhões. Pegavam copos descartáveis de plástico, caminhavam até o bebedouro, enchiam-no de água e bebiam.

Sexta atividade – colocavam ração em uma vasilha, uma por uma (número total de 20), primeiro com a mão direita, depois com a esquerda.

Sétima atividade – penteavam os cachorros de pelúcia primeiro com a mão direita, e depois com a esquerda (número total de 20). A criança que ficasse com o Luke penteava com a escova verde, e quem ficasse com a Fiona, com a escova vermelha.

Oitava atividade – colocavam presilhas coloridas nos cães de pelúcia, primeiramente com a mão direita e em seguida, com a esquerda (número total de 20).



**Figura 6** Colocar água no copo.

Nona atividade – despediam-se dos cães de pelúcia, faziam carinho, abraçavam, falavam algo para eles, entre outras.

Décima atividade – caminhavam até à torneira que havia dentro da sala de aula e lavavam as mãos, enxugavam-nas na toalha e voltavam para a aula.



**Figura 7** Colocar presilhas nos cães de pelúcia.

Foi realizada a avaliação final, ou seja, a reaplicação da avaliação motora e as entrevistas com os participantes, os responsáveis e os professores dos três grupos.

Os dados foram analisados de forma quantitativa apresentados sob a forma de gráficos, quadros e tabelas, de acordo com o Manual de Avaliação Motora – os dados foram registrados para cada categoria (motricidade fina, equilíbrio, motricidade global, entre outras) e sua relação com a idade cronológica da criança; dados da idade motora geral; quociente motor geral; idade motora para motricidade fina e

global; quociente motor para motricidade fina e global; e perfil motor. Foi executada uma análise estatística dos dados finais do experimento para os três grupos. O teste aplicado foi o não paramétrico de Kruskal-Wallis para as variáveis (idade cronológica – I; idade motora geral – IMG; idade motora para motricidade fina – IM1; idade motora para motricidade global – IM2; quociente motor geral – QMG; quociente motor para motricidade fina – QM1; quociente motor para motricidade global – QM2) e o teste Mann-Whitney para comparar grupos dois a dois, para detectar quais grupos diferiam entre si, sempre comparando os valores p obtidos com 0,05 (nível de significância adotado). Para resultados de  $p > 0,05$ , significa que não houve diferença entre os grupos comparados, e valores de  $p < 0,05$  significam que houve diferença entre os grupos. Quanto à análise qualitativa, esta foi realizada por meio dos registros cursivos realizados no diário de campo e análise das respostas das entrevistas. Os dados foram analisados de forma individual, comparados dentro de cada grupo e entre os grupos.

No estudo de Capote (2009), pode-se verificar que a grande maioria dos responsáveis que participou das entrevistas foi de mães, mesmo o casal sendo convidado a participar. Como visto anteriormente, os estudos realizados com o pai de crianças com DI são escassos (Herbert & Carpenter, 1994; Hornby, 1995; Rodrigue et al., 1992). Assim, alguns questionamentos podem surgir: os estudos são escassos por falta de interesse dos pesquisadores em investigar a visão dos pais em relação às pessoas com DI ou porque essa população não se mostra disponível para participar das pesquisas.

Em relação à análise feita das entrevistas com os responsáveis, verificou-se que os participantes, em sua maioria, relacionam-se bem com pessoas em geral e familiares, incluindo irmãos, o que está de acordo com o que Carr (1988) constatou em seu trabalho, e difere de Turnbull & Ruef (1996), que verificaram que familiares de criança com deficiência intelectual afirmaram haver problemas específicos de relacionamento entre irmãos e, também, em relação

à família extensa, principalmente nos casos de crianças com deficiência mental que apresentavam problemas de comportamento.

A maioria dos participantes é dona de animais (oito) e, destes, todos possuem cães como animal de estimação. O mesmo é verificado nas pesquisas com donos de animais, que dizem preferir os cães como bichos de estimação (Furst, 2006).

Os responsáveis percebem que os participantes apresentam uma relação próxima com os animais de estimação para a metade dos participantes dos grupos 1 e 2 (seis), mas também a minoria verbalizou que os participantes, diante de animais, querem brincar e acariciar. Esse fato precisa ser investigado com mais detalhes em um futuro estudo, pois vários fatores podem estar contribuindo para essa situação, como: falta de proximidade com os animais em geral; percepção de medo por parte dos responsáveis; não autorização dos responsáveis em permitir que os participantes se aproximem dos animais; falta de iniciativa dos participantes; entre outras. Comparando esse fato com o que foi observado nas sessões, verificou-se que a maioria dos participantes interage com os cães de forma gradual no decorrer das sessões – fazem perguntas, acariciam, brincam. Alguns não têm iniciativa para iniciar uma brincadeira ou carinho. Necessitam de estímulo de outro para ter algum comportamento de aproximação. Mas quando o comportamento acontecia, a interação com os animais era próxima e afetuosa.

Os responsáveis não verbalizam com seus filhos sobre a DI (sete) e percebem que os participantes, muitas vezes, se veem como uma criança igual às outras. Contudo, cinco participantes se veem diferentes ou sentem a diferença por parte das outras pessoas. Esse fato poderia ser, no mínimo, amenizado caso os responsáveis conversassem com eles. Esse acontecimento mostra a dificuldade dos responsáveis em lidar com a DI. Por isso, orientação e acompanhamento por parte dos profissionais especializados são de fundamental importância para pessoas com necessidades especiais

e seus familiares, como argumenta Bissoto (2005), Melero (1999) e Silva & Dessen (2001).

Para os responsáveis, os participantes são motivados ao executarem uma atividade, mas metade desiste facilmente, ou seja, metade tem a atitude de tentar até conseguir realizar. Esse fato mostra que os participantes se interessam pelas atividades inicialmente, mas não persistem quando aumenta a dificuldade ou se estas são repetitivas, fato que pode ter ocorrido devido às atividades não serem tão atrativas. Analisando o ocorrido nas sessões, verifica-se que os participantes do grupo 1 continuavam motivados a realizarem as atividades durante o passar do tempo, comparados com os do grupo 2, que perderam a motivação ao realizarem algumas atividades, principalmente as que não estavam tão diretamente relacionadas aos animais (percurso). Analisando as tabelas sobre motivação durante a intervenção, verificou-se que, a partir do sétimo dia, o grupo 2 demonstrou comportamentos "desmotivacionais" ao realizarem algumas atividades. Escovar, colocar presilhas, dar ração aos bichos de pelúcia parecem deixar explícito o que iriam fazer no futuro (no último dia da intervenção, iriam executar as atividades com os cães) e contribuíram aparentemente para a motivação dos participantes na realização dessas atividades. Mas ao executarem essas atividades consideradas mais motivadoras, a atitude dos participantes foi diferente ao percebido pelos responsáveis, pois tentavam até conseguir realizar as atividades propostas para a maioria dos dias e para ambos os grupos 1 e 2. Uma das hipóteses para esse acontecimento pode ser que, realmente, as atividades relacionadas com os animais, mesmo que não diretamente, são motivacionais e contribuem para a persistência das pessoas com DI ao executarem atividades mais complexas, como colocar presilhas.

Aparentemente, uma das dificuldades dos responsáveis participantes deste trabalho é ditar regras e limites para os seus filhos com DI (seis), pois não sabem se os mesmos entendem o que estão falando e, também, querem mimar seus filhos. Acreditam que eles já sofrem o suficiente, fato esse que pode estar contribuindo

para comportamentos agressivos de alguns participantes (cinco), o que também é constatado por Turnbull & Ruef (1996). Esses autores verificaram que crianças com deficiência intelectual apresentam problemas comportamentais como agressão, atos de destruição e de autoagressão. Na análise das sessões, verificou-se que, em ambos os grupos, as crianças têm tendências a comportamentos agressivos direcionados principalmente a colegas e a si mesmas na forma verbal e física. Mas no grupo 1, eles eram mais controlados pelos próprios participantes, os quais tinham tendência a externalizar esses comportamentos – dizendo as regras passadas ao grupo. Esse fato também ocorreu em algumas situações para o grupo 2. Os comportamentos agressivos foram se extinguindo no decorrer das sessões, sendo que o último episódio aconteceu no sétimo dia para ambos os grupos. Mas o mesmo não ocorreu para ambos os grupos em relação às regras e limites. O grupo A apresentou comportamento de obediência às regras e limites na maior parte das sessões (nove), porém no grupo 2 houve obediência em apenas duas sessões. A presença dos animais pode ter contribuído para o respeito às regras e limites. Uma pesquisa futura pode investigar mais profundamente esse comportamento e tirar conclusões mais claras. Mas comparando esses dados, que investigaram demonstração de afeto, preocupação e cuidado, verifica-se que, em dez sessões para o grupo 1, os participantes apresentaram comportamento de preocupação e cuidado direcionados aos animais diferentemente dos participantes do grupo 2, que apresentaram esses comportamentos somente em cinco sessões. Os comportamentos do grupo 1 sempre eram incentivados pelo grupo, ou seja, um participante sempre sinalizava para o companheiro ter cuidado com os cães e seguir as regras e limites, o que era um meio de agradar os animais e ser agradado por eles. Para o grupo 2, o comportamento de cuidado e preocupação acontecia, na maioria das vezes, quando algum participante apresentava um comportamento agressivo contra o colega ou não havia o respeito a regras e limites. Assim, esse sentimento de preocupação era externado para consolar o companheiro que sofreu agressão (verbal ou física) ou para apoiar o grupo contra o não seguimento das regras (todos queriam executar as atividades sem a

participação ou ajuda de outro). Concluiu-se que as sinalizações de preocupação e cuidado feitas pelos participantes do grupo 2 não foram tão reforçadoras para se extinguir o comportamento de não seguimento das regras. Contribuíram apenas para comportamentos agressivos. Para os participantes do grupo 1, as sinalizações de preocupação foram satisfatórias, fazendo com que o grupo diminuísse comportamentos agressivos e de não seguimento das regras. Os comportamentos de não seguimento das regras e limites executados pelo grupo 2 podem ter sido a forma mais amena de demonstrar descontentamento diante da situação dentro do grupo, e, também, pode demonstrar que a dificuldade de lidar com a situação ainda estava acontecendo, diferentemente do que ocorreu com o grupo 1, que não externou descontentamento no decorrer das sessões (não houve muitos comportamentos agressivos e não respeito às regras e limites). Dentro desse contexto, podemos supor que a presença dos animais contribuiu para comportamentos de preocupação e cuidado e melhor elaboração da raiva e descontentamento. Como afirma Melson (1990), o contato com a natureza e com os animais é importante para o desenvolvimento das crianças, principalmente para estimular o cuidado ao outro. Experiências de cuidar de seres vivos e protegê-los podem promover sentimentos de autoeficácia e percepção de vínculo positivo. Possuir um animal ou interagir com ele pode ajudar meninos a desenvolverem o cuidado e a proteção de um ser vivo, pois muitas vezes eles não têm essas experiências, ao contrário das meninas. Animais e plantas dependem de pessoas para o seu desenvolvimento, senão morrem. Esse desenvolvimento é primordial para um ambiente familiar estruturado e uma sociedade sã.

Nas observações das sessões foi constatado que todos os participantes ajudaram a pesquisadora espontaneamente em todas as sessões. Esse fato demonstra que atividades relacionadas a animais podem trazer incentivos e motivação às pessoas com DI e pode ser uma técnica empregada nos tratamentos, os quais, muitas vezes, são repetitivos e cansativos.

Quanto às expectativas dos responsáveis em relação ao desenvolvimento dos participantes, sete deles citaram a independência, o que corrobora com os resultados de Pereira-Silva (2000). O autor demonstrou que as expectativas dos genitores em relação ao futuro de seus filhos são de que eles se tornem adultos independentes, estudem, tenham uma profissão e que possam até ter um relacionamento íntimo com uma pessoa do sexo oposto. A mãe é a maior responsável pelos cuidados e pela transmissão de regras às crianças, sendo que o pai desempenha um papel secundário, envolvendo-se menos com a rotina da casa.

Mugford & M'Comisk (1974) verificaram que animais de estimação eram frequentemente usados como ponto focal em conversas de pessoas idosas com seus familiares e amigos, fato que também foi verificado no presente trabalho. No início do trabalho, alguns responsáveis (três) relataram que os participantes raramente verbalizavam sobre as atividades executadas na escola, porém, no final do trabalho, disseram que os participantes verbalizaram sobre os cães.

Dentro desse contexto, Messent (1984) e Eddy, Hart & Boltz (1987) observaram pessoas (cadeirantes ou não), com ou sem cães, passeando em parques e constataram que a presença de cães estava associada a um significativo aumento no número de saudações e cumprimentos, com verbalizações e conversas centradas a respeito do cão. Os autores concluíram que o serviço de cães pode facilitar a interação social de pessoas, principalmente das que utilizam cadeiras de rodas. Resultados semelhantes também foram encontrados nesse estudo. Os participantes dos grupos 1 e 2 apresentaram maior contato social (nove dias para o grupo 1 e seis dias para o grupo 2). Contudo, houve diferenças entre os grupos diante dos comportamentos exibidos pelas pessoas que interagiam com os participantes. Para o grupo 1, as pessoas conversavam mais: querendo saber nome; raça dos cães; o que os cães gostavam de fazer e o que os participantes estavam fazendo com os cães; elogiavam cães e participantes; queriam tocar nos cães. Para o grupo 2, as pessoas olhavam, admiravam, e sorriam.

Contudo, com relação aos participantes deste trabalho, pode-se afirmar que ter um objeto em sua companhia, como caminhão de brinquedo, ajuda na interação social com comportamentos de admiração, sorriso, olhares, mas não de forma contínua.

Verificou-se que os grupos 1 e 2 tiveram ganhos no desenvolvimento motor, como demonstra também o estudo de Baun, Oetting & Gerstrom (1991). No referido estudo mostram que acariciar, pentear e jogar bola para o cão são ótimos exercícios de coordenação de movimentos; Levinson (1982) e Kellert & Westervelt (1983) constataram que a relação positiva entre humanos e animais contribui para o desenvolvimento humano; Bergman (2000) demonstrou resultados positivos com a ajuda dos animais em pacientes que possuíam paralisia total ou parcial do corpo. Os animais ajudaram na recuperação da fala e dos movimentos, constituindo uma motivação para o tratamento.

Pode-se afirmar que os cães contribuíram para os participantes deste estudo. A interação com cães parece ter trazido benefícios positivos – as crianças sorriam, brincavam e mostraram maior atenção nas atividades. Os participantes do grupo 1 engajavam-se mais nas conversas sobre cães e conversavam menos sobre outros assuntos. Os animais tiveram a função de manter o interesse e o foco das crianças, as quais olhavam menos ao redor, focavam mais o cão e iniciavam conversas, o que corrobora com o que Martin & Farnum (2002) descobriram.

Constatou-se que a TAA e a intervenção trouxeram contribuições para os participantes, como maior motivação, seguimento de regras e limites, ajuda com os animais de estimação, alegria, tranquilidade, atenção. Os participantes do grupo 3 não tiveram alteração de comportamentos ou atitudes. Os mesmos relatos verbalizados pelos responsáveis no início do trabalho foram ditos no final (permaneceram com comportamentos negativos). Ao contrário, o conteúdo verbalizado pelos responsáveis dos grupos 1 e 2 (no início não verificaram mudanças em 6 meses anteriores à intervenção ou verificaram mudanças corporais e de atitude) foi diferente no início

da intervenção e no final, e o conteúdo no final foi visto como positivo.

Todos os participantes disseram gostar mais das atividades com animais. As mais lembradas foram jogar bola e brincar com o Luke. Esse fato pode ter ocorrido porque a maioria dos participantes do grupo 1 e 2 era de meninos, normalmente acontecendo uma identificação com o sexo masculino.

Kawakami & Nakano (2003) observaram que, com as visitas dos animais, os pacientes ficaram mais alegres, motivados, conversavam mais entre si e com outras pessoas, e ainda possibilitaram aprendizado, o que está de acordo com o que foi observado no presente trabalho, com exceção dos relatos da professora.

Assim, verificou-se que

a TAA é provida de oportunidades, permitindo ao praticante aprender novas tarefas e comportamentos, o que pode levar ao aumento do potencial para a resposta adaptativa necessária na organização das tarefas cotidianas (saúde, lazer e educação). Além da relação de afeto que se desenvolve, do estímulo ao período sensório motor, do toque das mãos, do sentir, do explorar o corpo do animal e observar suas reações, muitos conhecimentos são adquiridos nessa interação homem-animal. É notória a inversão de papéis nessa construção do relacionamento, quando o paciente passa a cuidar do animal, estimulando a autonomia e responsabilidade. Cuidar da limpeza do bichinho, da alimentação favorece o desenvolvimento do vínculo afetivo e do lidar com os mais diversos sentimentos, da frustração à alegria (...) (Amorim et al., 2004, p. 21).

Interagindo com cães, os participantes aprendem noções de respeito e cuidado (Porto & Cassol, 2007).

Althausen (2006) verificou que os encontros com os animais revelaram a ocorrência de diversas situações que podem ser

usadas com diferentes objetivos, como: aprendizagem de conceitos (cor, sequência, quantidade, formas e conteúdos), a qual, neste estudo, foi possibilitada na condução dos cães aos obstáculos, ao pentear, colocar presilhas; verbalizações de palavras e nomear partes do corpo do animal; motricidade; aprendizado de cuidado ao ser vivo; seguimento de regras e limites; motivação; diminuição de comportamentos agressivos; e possibilitaram ideias para futuros trabalhos e intervenções, como atividades para abordar temas como a DI, atividades para interação de pais e pessoas com DI, propiciar iniciativa, criatividade. Pereira-Silva (2000) verificou que a elaboração de programas preventivos com ênfase nas interações familiares contribuiu para uma melhor compreensão do desenvolvimento das crianças com síndrome de Down e do funcionamento de suas famílias. Bissoto (2005) demonstrou a importância de um ambiente estimulador para a promoção da autonomia em crianças com DI, destacando a relevância da família e de cuidados executados por uma equipe multidisciplinar. Assim, a TAA pode ser um recurso a ser executado junto a programas preventivos e em salas de recursos. Com a ajuda dos animais, os assuntos relacionados à DI podem ser elaborados, proporcionando um ambiente acolhedor. Há a possibilidade de uma interação mais profunda entre familiares e pessoas com DI, pois mitos e fantasias podem ser esclarecidos, possibilitando um maior desenvolvimento físico e emocional das pessoas com DI. E como mostram Silva & Dessen (2001), a importância de propiciar maior orientação para as famílias de crianças com DI com relação à informação sobre a deficiência, consequências para o desenvolvimento, recursos necessários para ajudar nesse desenvolvimento e recursos para os profissionais especializados. Esses fatores seriam alcançados com a TAA de uma forma não ameaçadora, propiciando motivação para os participantes.

Pode-se afirmar que a TAA contribuiu para o desenvolvimento psicomotor de pessoas com DI e propiciou o desenvolvimento de preocupação e cuidado aos seres vivos. As atividades desenvolvidas por meio da TAA são motivadoras.

Diante desse prisma, conclui-se que a TAA traz contribuições para as pessoas com DI e torna possível que os profissionais envolvidos façam um atendimento mais humanizado e criativo.

O trabalho possibilitou que alguns entraves relacionados à TAA fossem esclarecidos. Mas há a necessidade de um maior aprofundamento e aumento nas pesquisas nacionais para que outras dúvidas sejam esclarecidas.

# Referências

Ainsworth, M. D. S. The development of infant-mother attachment. In: Caldwell, B. M.; Ricciuti, H. N. *Review of Child Development Research*, v. 3, p. 1-94, 1973.

Akiyama, H.; Holtzman, J. M.; Britz, W. E. Pet ownership and health status during bereavement. *Omega*, v. 17, p. 187-193, 1986.

Allen, K.; Blascovich, J. The value of service dogs for people with severe ambulatory disabilities: a randomized controlled trial. *The Journal of the American Medical Association*, v. 275, n. 13, p. 1001-1006, 1996.

Allen, K. M.; Blascovich, J.; Mendes, W. B. Cardiovascular reactivity and the presence of pets, friends, and spouses: the truth about cats and dogs. *Psychosomatic Medicine*, v. 64, p. 727-739, 2002.

Allen, K. M.; Blascovich, J.; Tomaka, J.; Kelsey, R. M. Presence of human friends and pet dogs as moderators of automatic responses to stress in women. *American Psychological Association*, v. 61, n. 4, p. 582-589, 1991.

Almeida, M. M. Apresentação e análise das definições de Deficiência Mental propostas pela AAMR – Associação Americana de Retardo Mental, 1908 a 2002. *Revista de Educação PUC-Campinas*, n. 16, 2004.

Althausen, A. *Adolescentes com síndrome de Down e cães: compreensão e possibilidades de intervenção*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Amorim, L. J.; Silva, L. K. J.; Rocha, S. D.; Martin, R. T.; Martin, D. H.; Silva, A. R. P.; Amorim, C. F.; Maximino, V. S.; Zângaro, R. A.

Valorizando a vida e cidadania através da terapia facilitada por cães. In: III Seminário Internacional Sociedade Inclusiva – Ações Inclusivas de Sucesso, Belo Horizonte, 2004. p. 1-13.

Aranha, M. S. F. Integração social do deficiente: análise conceitual e metodológica. *Temas em Psicologia*, v. 2, p. 63-70, 1995.

Barker, S. B.; Dawson, K. S. The effects of animal-assisted therapy on anxiety ratings of hospitalized psychiatric patients. *Psychiatric Service*, v. 49, p. 797-801, 1998.

Barker, S. B.; Pandurangi, A. K.; Best, A. M. Effects of animal-assisted therapy on patients' anxiety, fear and depression before ECT. *The Journal of ECT*, v. 19, n. 1, p. 38-44, 2003.

Baun, M. M.; Oetting, K.; Gergstrom, N. Health benefits of companion animals in relation to the physiologic indices of relaxation. *Holistic Nursing Practice*, v. 5, p. 16-23, 1991.

Beck, A. M.; Katcher, A. H. A new look at pet-facilitated therapy. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 184, p. 414-421, 1984.

Becker, M. *O poder curativo dos bichos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 322 p.

Bergman, C. Opposing speciesism. *The bond. Newsletter of the SF/SPCA Animal Assisted Therapy Program*, San Francisco, v. 2, n. 1, p. 1-2, 2000.

Bissoto, M. L. O desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. *Ciências & Cognição*, v. 4, n. 2, 2005.

Bjerke, T.; Odegargstuen, T. S.; Kaltenborn, B. P. Attitudes toward animals among Norwegian adolescents. *Anthrozoos*, v. 11, n. 2, p. 79-86, 1998.

Bussotti, E. A.; Leão, E. R.; Chimentão, D. M. N.; Silva, C. P. R. Assistência individualizada: posso trazer meu cachorro? *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 39, n. 2, p. 195-201, 2005.

Capote, P. S. *Terapia assistida por animais (TAA) e deficiência mental: análise do desenvolvimento psicomotor*. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

Carr, J. Six weeks to twenty-one years old: a longitudinal study of children with Down's syndrome and their families. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 29, p. 407-431, 1988.

Casarin, S. Aspectos psicológicos na síndrome de Down. *Síndrome de Down*, São Paulo, Mackenzie, p. 263-285, 1999.

Cervo, A. R.; Bervian, P. A. *Metodologia científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

Corsi, C. M. et al. Síndrome de Down, desenvolvimento cognitivo e de linguagem: um estudo de investigação. *Temas sobre Desenvolvimento*, São Paulo, v. 5, n. 25, p. 11-16, 1995.

Cuskelly, M.; Dadds, M. Behavioural problems in children with Down's syndrome and their siblings. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 33, p. 749-761, 1992.

Davis, S. J. M.; Valla, F. R. Evidence for domestication of the dog 12,000 years ago in the Natufian of Israel. *Nature*, v. 276, p. 608610, 1978.

Delta Society. Referência disponível em:  
<[http://www.deltasociety.com/quicklinks/education\\_and\\_research/other\\_resources/animal-assisted-therapy/what\\_is\\_AAA/T](http://www.deltasociety.com/quicklinks/education_and_research/other_resources/animal-assisted-therapy/what_is_AAA/T)>. Acesso em: 09 abr. 2008.

Dotti, J. *Terapia e animais*. São Paulo: Noética, 2005. 294 p.

Eddy, J.; Hart, L. A.; Boltz, R. P. The effects of service dogs on social acknowledgments of people in wheelchairs. *The Journal of Psychology*, v. 122, n. 1, p. 39-45, 1987.

Edwards, N. E.; Beck, A. M. Animal-assisted therapy and nutrition in Alzheimer's disease. *Western Journal of Nursing Research*, v. 24, n. 6, p. 697-712, 2002.

Faraco, C. B. *Animais em sala de aula: um estudo das repercussões psicossociais da intervenção mediada por animais*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

Fraser, C. Companion animals and the promotion of health. *Comprehensive Nursing Quarterly*, v. 2, p. 2-17, 1990.

Friedman, E.; Katcher, A. H.; Lynch, J. J.; Thomas, S. A. Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit. *Public Health Reports*, v. 95, p. 307-312, 1980.

Fuchs, H. *O animal em casa: um estudo no sentido de desvelar o significado psicológico do animal de estimação*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

Furst, G. Prison-based animal programs: a national survey. *The Prison Journal*, v. 86, n. 4, p. 407-430, 2006.

Geisler, A. M. Companion animals in palliative care: stories from the bedside. *American Journal of Hospice e Palliative Medicine*, v. 21, n. 4, p. 285-287, 2004.

Glat, R. Integração dos portadores de deficiências: uma questão psicossocial. *Temas em Psicologia*, v. 2, p. 89-94, 1995.

Godoy, A. C. S.; Denzin, S. S. Atividades assistidas por animais: aspectos revisivos sob um olhar pedagógico. *Ensaio e Ciência*, v. 5, n. 5, p. 38, 2007.

Herbert, E.; Carpenter, B. Fathers – The secondary partners: Professional perceptions and fathers' reflections. *Children & Society*, v. 8, p. 31-41, 1994.

Hornby, G. Effects on fathers of children with Down syndrome. *Journal of Child and Family Studies*, v. 4, p. 239-255, 1995.

Hoff, T. E.; Bergler, R. The positive influence of dogs on children in divorce crises from the mother's perspective and of the child-dog relationship from the child's perspective. In: 9th International Conference on Human-Animal Interactions, People and Animals, a Global Perspective for the 21st Century. Rio de Janeiro, 2001. p. 13-15.

Johnson, R. A.; Meadows, R. L.; Haubner, J. S.; Sevedge, K. Human-animal interaction: a complementary/alternative medical intervention for cancer patients. *American Behavioral Scientist*, v. 47, n. 1, p. 55-69, 2003.

Kaiser, L.; Spence, L. J.; McGavin, L.; Struble, L.; Keilman, L. A dog and a happy person visit nursing home residents. *Western Journal of Nursing Research*, v. 24, n. 6, p. 671-683, 2002.

Kanamori, M.; Suzuki, M.; Yamamoto, K.; Kanda, M.; Matsui, Y.; Kojima, E.; Fukawa, H.; Sugita, T.; Oshiro, H. A day care program and evaluation of animal-assisted therapy (AAT) for the elderly with senile. *American Journal of Alzheimer's Disease and Other Dementias*, v. 16, n. 4, p. 234-238, 2001.

Kawakami, C. H.; Nakano, C. K. Relato de experiência: terapia assistida por animais (TAA) – mais um recurso na comunicação paciente e enfermeiro. *Nursing*, v. 61, n. 6, p. 25-29, 2003. (edição brasileira).

Kellert, S. R.; Westervelt, M. O. Historical trends in American animal use and perception. *International Journal for the Study of Animal Problems*, v. 42, p. 133-146, 1983.

Kidd, A. H.; Kidd, R. M. Factors in adults' attitudes toward pets. *Psychological Reports*, v. 65, p. 903-910, 1989.

Leary, P. M.; Verth, F. The effects of a mentally retarded child on family functioning in a third world community. *Early Child Development and Care*, v. 109, p. 83-88, 1995.

Levinson, B. M. The future of research into relationships between people and their animal companions. *International Journal for the Study of Animal Problems*, v. 3, p. 283-294, 1982.

Lockwood, R. The influence of animals on social perception. In: Katcher, A. H.; Beck, A. M. *New perspectives on our life with companion animals*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983. p. 64-71.

Martin, F.; Farnum, F. J. Animal-assisted therapy for children with pervasive developmental disorders. *Western Journal of Nursing Research*, v. 24, n. 6, p. 657-670, 2002.

Martins, M. F. Animais na escola. In: Dotti, J. *Terapia e animais*. São Paulo: Noética, 2005. 294 p.

Melero, M. L. *Aprendiendo a conocer a las personas con síndrome de Down*. Málaga: Ediciones Aljibe, 1999. 42 p.

Melson, G. F. Fostering inter-connectedness with animals and nature: the developmental benefits for children. *People, animals, environment*, p. 15-17, 1990.

Mendonça, T. A. *Terapia Ocupacional assistida por animais em gerontologia: uma nova proposta de intervenção*. São Luís: Centro Universitário do Maranhão, 2006. Monografia.

Menzies Incorporated. Animal assisted therapy and young people – a review of selected literature. *RHMSS Pty Ltd.*, p. 1-39, 2003.

Messent, P. Correlates and effects of pet ownership. In: Anderson, R. S.; Hart, B. L.; Hart, L. A. *The pet connection: its influence on our health and quality of life*. Minneapolis: Center to Study Human-Animal Relationship and Environments, 1984. p. 331-341.

Mugford, R. A.; M'Comisky, J. G. Some recent work on the psychotherapeutic value of caged birds with old people. In: Anderson, R. S. *Pet animals and society*. London: R. S. Anderson, 1974. p. 54-65.

Odendaal, J. S. J. *A physiological basis for animal-facilitated psychotherapy*. University of Pretoria, South Africa, 1999. Doctoral dissertation.

Okoniewski, L.; Zivan, M. *Adolescent's perceptions of human-animal relationships*. Paper presented at the annual meeting of the Delta Society. Denver, 1985.

Ory, M.; Goldberg, E. Pet ownership and life satisfaction in elderly women. In: Katcher, A. H.; Beck, A. M. *New perspectives on our life with companion animals*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983. p. 803-817.

Pereira-Silva, N. L. *Crianças pré-escolares com síndrome de Down e suas interações familiares*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

Pessoti, I. *Deficiência mental: da superstição à ciência*. São Paulo: Edusp, 1984.

Poresky, R. H. Sex, childhood pets and young adult's self-concept scores. *Psychological Reports*, v. 80, p. 371-377, 1997.

Poresky, R. H.; Hendrix, C.; Mosier, J. E.; Samuelson, M. L. Young children's companion animal bonding and adult's pet attitudes: a retrospective study. *Psychological Reports*, v. 62, p. 419-425, 1988.

Porto, R. T. C.; Cassol, S. Zooterapia uma lição de cidadania: o cão socializador e a criança vítima de violência intrafamiliar. *Revista Disc. Jur.*, Campo Mourão, v. 3, n. 2, p. 46-74, 2007.

Raveis, V. H.; Mesagno, F.; Karus, D. E.; Gorey, E. *Pet ownership as a protective factor supporting the emotional well-being of cancer patients and their family members*. Final Report, 1993.

Rodrigue, J. R.; Morgan, S. B.; Geffken, G. R. Psychosocial adaptation of fathers of children with autism, Down syndrome and normal development. *Journal of Autism and Development Disorders*, v. 22, p. 249-263, 1992.

Rosa Neto, F. *Manual de avaliação motora*. Porto Alegre: Artmed, 2002. 136 p.

Santos, K. C. P. T. *Terapia assistida por animais: uma experiência além da ciência*. São Paulo: Paulinas, 2006. 62 p.

Schwartzman, J. S. Histórico. In: Schwartzman, J. S. (Org.). *Síndrome de Down*. São Paulo: Mackenzie, 1999 p. 3-15.

Siegel, J. M. Stressful life events and use of physician services among the elderly: the moderating role of pet ownership. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 58, p. 1081-1086, 1990.

\_\_\_\_\_. Companion animals: in sickness and in health. *Journal of Social Issues*, v. 49, n. 1, p. 157-167, 1993.

Silva, N. L. P.; Dessen, M. A. Deficiência Mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 17, n. 2, 2001.

Sloper, P.; Knussen, C.; Turner, S.; Cunningham, C. Factors related to stress and satisfaction with life in families of children with Down's syndrome. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 32, p. 655-676, 1991.

Sobo, E. J.; Eng, B.; Kassity-Krich, N. Canine visitations (pet) therapy. Pilot data on decreases in child pain perception. *Journal of Holistic Nursing*, v. 24, p. 51-57, 2006.

Thigpen, S. E.; Ellis, S. K.; Smith, R. G. Special education in juvenile residential facilities: can animals help? *Essays in Education*, v. 14, p. 1-14, 2005.

Triebenbacher, S. L. Pets as transitional objects: their role in children's emotional development. *Psychological Reports*, v. 82, p. 191200, 1998.

Turnbull, A. P.; Ruef, M. Family perspectives on problem behavior. *Mental Retardation*, v. 34, p. 280-293, 1996.

Vidovic, V. V.; Stetic, V. V.; Bratko, D. Pet ownership, type of pet and socio-emotional development of school children. *Anthrozoos*, v. 12, n. 4, p. 211-217, 1999.